



**Universidade Federal do Pampa**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*  
Mestrado Profissional em Educação**

**JOICE MIRAPALHETE FABRA**

**AS IMAGENS E AUTOIMAGENS DA DOCÊNCIA DIANTE DO ENSINO MÉDIO  
POLITÉCNICO**

**Jaguarão  
2016**

**JOICE MIRAPALHETE FABRA**

**AS IMAGENS E AUTOIMAGENS DA DOCÊNCIA DIANTE DO ENSINO MÉDIO  
POLITÉCNICO**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao  
Mestrado Profissional em Educação da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título  
de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

**Jaguarão  
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

F122i Fabra, Joice Mirapalhete  
As imagens e autoimagens da docência diante do Ensino Médio  
Politécnico / Joice Mirapalhete Fabra.  
86 p.  
  
Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2016.  
"Orientação: Lúcio Jorge Hammes".  
  
1. Profissão docente. 2. Imagens e autoimagens. 3. Ensino  
Médio Politécnico. I. Título.

JOICE MIRAPALHETE FABRA

**AS IMAGENS E AUTOIMAGENS DA DOCÊNCIA DIANTE DO ENSINO MÉDIO  
POLITÉCNICO**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao  
Mestrado Profissional em Educação da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título  
de Mestre em Educação.

Relatório Crítico-Reflexivo defendido e aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:



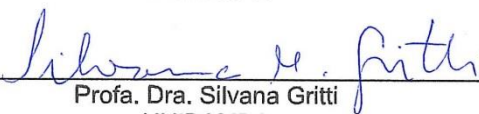
---

Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes  
Presidente  
UNIPAMPA



---

Profa. Dra. Ana Cristina Rodrigues  
UNIPAMPA



---

Profa. Dra. Silvana Gritti  
UNIPAMPA



---

Prof. Dr. Luiz Carlos Bombassaro  
UFRGS

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família.

Ao meu pai Oraídes, que sempre me apoiou e de alguma forma contribui para a realização desta etapa.

À minha mãe Rosiley que sempre esteve do meu lado, ouvindo minhas angústias e que se preocupava sempre quando eu deixava transparecer meus desesperos e estresses.

Aos meus irmãos Odier e Luiza, para que tenham persistência e acreditem que seus sonhos podem se concretizar.

Ao meu marido Luiz Carlos, por estar sempre presente, me incentivar e colaborar para a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, à minha família que sempre me apoiou e incentivou a estudar.

Às minhas colegas do Mestrado e amigas Adriana e Alessandra, que além de dividirmos o quarto em uma pousada, dividíamos ideias, inseguranças, problemas pessoais e, o mais importante, cada uma encorajava a outra quando estava desanimada ou desestimulada.

Ao colega Carlos Humberto, pelos conselhos e pela carona todo término de encontro, que possibilitava minha chegada mais cedo em minha cidade.

À professora Maiane Ourique, que foi minha orientadora ao longo do primeiro ano do curso, pela sua dedicação e contribuição para realizar este trabalho.

Ao professor Lúcio Jorge Hammes e meu atual orientador por me acolher e acreditar no meu trabalho.

Aos professores convidados para a banca Ana Cristina Rodrigues, Silvana Gritti e Luiz Carlos Bombassaro por aceitarem o convite e pela contribuição na banca de qualificação do projeto.

Aos professores, do curso, os quais contribuíram para minha formação e para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores e equipe diretiva do Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar pela participação e colaboração neste trabalho.

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o trabalho, nem desencadeada pela utilidade, como a obra. Ela pode ser estimulada pela presença de outros a cuja companhia possamos desejar nos juntar, mas nunca é condicionada por eles; seu impulso surge do começo que veio ao mundo quando nascemos e ao qual respondemos algo novo por nossa própria iniciativa (ARENDDT, 2014, p. 219).

## RESUMO

Esta pesquisa do tipo intervenção pedagógica, de cunho qualitativo, busca contribuições da perspectiva da Teoria Crítica para pensar a figura docente contemporânea e as interferências que sofre no cotidiano do seu trabalho. Teve por objetivo contribuir para reflexão do processo de formação dos professores e das configurações das imagens e autoimagens da docência e da gestão das práticas escolares no Ensino Médio Politécnico. A pergunta que guiou este trabalho foi: Em que medida o Ensino Médio Politécnico atravessa o professor, produzindo imagens e autoimagens de sua profissão? Através das rodas de conversa feitas com os professores e a equipe diretiva do Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar, desenvolveram-se momentos de reflexão, discussão e sistematização sobre os discursos recorrentes acerca da profissão docente. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação participante, o diário de campo e as escritas realizadas pelos professores ao final de cada encontro. Os dados foram analisados por meio da Análise Textual discursiva. A pesquisa intervencionista foi realizada com os professores dos turnos da manhã e da noite do EMP, trazendo novas perspectivas para a pesquisadora e para o contexto da escola.

**Palavras-chave:** Profissão docente. Imagens e autoimagens. Ensino Médio Politécnico



## **ABSTRACT**

This research type pedagogical intervention, qualitative nature, which seeks contributions from the perspective of Critical Theory to think the contemporary teaching figure and interference in daily suffering of their work. Aimed to contribute to reflection of the teacher training process and settings of images and eigenimages teaching and thus to think about the management of school practices at the Polytechnic High School. The issue that guided this work was: what does extent the Polytechnic High School through the teacher, producing images and eigenimages of your profession? Through the conversation wheels made with the teachers and the State College management team Santa Vitória do Palmar, it has proposed moments of reflection, discussion and systematization of recurrent speeches about the teaching profession. The instruments used for data collection were: participant observation, field diary and the writings carried out by teachers at the end of each meeting. Data were analyzed using analysis discursive textual. The survey was conducted with teachers of shifts in the morning and EMP night. This interventional research brought new perspectives to the researcher and the school context.

**Keywords:** Teaching profession. Images and eigenimages. Polytechnic High School.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar (CESVP).....	17
Figura 2 - Enturmação.....	42
Figura 3 - Funções da docência.....	43
Figura 4 - Avaliação.....	43
Figura 5 - Alteridade.....	49
Figura 6 - Autoridade.....	54

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma dos encontros .....	35
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CESVP – Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar

ECA- Estatuto da criança e do adolescente

EMP – Ensino Médio Politécnico

PPDA - Projeto Político Pedagógico de Apoio

REMP – Regimento do Ensino Médio Politécnico

SEDUCRS – Secretaria de Estado do Rio Grande do sul

SI – Seminário Integrado

SOE – Sala de Orientação Escolar

SAEE – Sala de atendimento educacional especializado

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 O COLÉGIO ESTADUAL SANTA VITÓRIA DO PALMAR (CESVP) .....	17
2.1 O Ensino Médio Politécnico - EMP .....	18
3 DISCUSSÕES ACERCA DA PROFISSÃO DOCENTE.....	20
3.1 Imagens da docência e o campo da formação .....	20
3.2 Gestão das práticas docentes no Ensino Médio.....	25
3.2.1 Gestão das práticas avaliativas da aprendizagem: um processo embrutecedor ou emancipatório?.....	27
3.2.2 Gestão escolar e o exercício da autoridade.....	30
4 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE .....	32
4.1 Algumas considerações metodológicas .....	32
4.2 Plano de ação da intervenção pedagógica .....	34
4.2.1 Cronograma dos encontros .....	35
4.2.2 Encontros propostos .....	35
4.2.2.1 1º Encontro: Formação e profissão docente .....	35
4.2.2.2 2º Encontro: Formação e reconhecimento .....	38
4.2.2.3 3º Encontro: Formação e identidade.....	41
4.2.2.4 4º Encontro: Formação e alteridade.....	46
4.2.2.5 5º Encontro: Formação e autonomia .....	49
4.2.2.6 6º Encontro: Formação e autoridade.....	51
4.3 Desenvolvimento dos encontros .....	54
4.4 Avaliação da intervenção.....	61
4.4.1 Instrumentos da coleta de dados .....	61
4.4.2 Análise de dados e repercussões.....	63
4.4.2.1 Repercussões .....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
REFERÊNCIAS .....	73
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	78
APÊNDICE B – FORMULÁRIO PARA OS ENCONTROS .....	80

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de intervenção teve como objetivo contribuir para reflexão do processo de formação dos professores e das configurações das imagens e autoimagens da docência e, assim, para pensar na gestão das práticas escolares.

Após três anos de reestruturação de currículo e reorganização do projeto político pedagógico do Ensino Médio no Colégio Santa Vitória do Palmar, fez-se necessário pensar os processos de ensino e aprendizagem e na escola. Os dados mostram que a realização da pesquisa e intervenção tem mobilizado a construção da figura do professor, produzindo imagens e autoimagens do seu trabalho.

A avaliação da aprendizagem escolar também tem aflorado discussões com relação ao Ensino Médio, na escola, principalmente depois da implementação do Ensino Médio Politécnico, que organizou o currículo e a avaliação por áreas do conhecimento. Através das discussões entre os professores, percebeu-se que o entendimento comum é de que a reforma facilitaria a aprovação dos alunos em cada etapa, pois ela privilegia (ou não leva em consideração) aqueles que “não se dedicam aos estudos”, “não têm comportamento adequado em sala de aula” (como “copiar a matéria”), “não realizaram as atividades propostas” ou ainda “prejudicam quem quer aprender”.

Estes, entre outros discursos, são frequentes entre docentes e expõem o entendimento de que o ato de avaliar – ainda – serviria para efetivar a disciplina na sala de aula ou que o sentido formativo da avaliação mudaria a cada vez que as políticas educacionais “impõem algo diferente”. Diante disso, o trabalho aborda a seguinte problemática: Em que medida o Ensino Médio Politécnico atravessa o professor, produzindo imagens e autoimagens de sua profissão?

A crítica com relação aos discursos é para salientar que são repetitivos porque somos carregados de imagens e autoimagens de uma formação arraigada em crenças de uma cultura autoritária. Para Hardt e Dozol (2014, p.120)

(...) o equívoco da avaliação é insistir na expectativa de ver confirmadas algumas imagens ou algumas grandezas previamente definidas e alçá-las a ‘ponto de chegada’. As grandezas previstas,

desejadas são e não são reais, pois precisam de nossa reconfiguração como sujeitos docentes e discentes.

Por isso, intenção desta intervenção foi problematizar estas imagens no contexto escolar, reconstruindo-as dialeticamente, para que, a partir de sua historicidade, os professores possam produzir sentidos formativos de sua profissão e de seu trabalho.

No contexto da gestão das práticas pedagógicas na escola, os conflitos surgiram. A maioria dos docentes teve dificuldade para abrir mão da nota e decidir em conjunto a classificação das aprendizagens por conceitos. Alguns mencionavam que, dessa forma, os alunos aprovam com mais facilidade, pois algumas disciplinas “facilitam” mais que outras. Ou seja, os discursos recorrentes eram de que alguns professores, como por exemplo, de Educação Física, Língua Estrangeira e sociologia, não “cobram” tanto dos alunos como os de Matemática e Língua Portuguesa e, por isso, em algumas áreas a aprovação seria praticamente automática. Cobranças estas que são feitas através de testes com grau de dificuldade estipulado pelo professor. Na opinião de muitos professores, o bom profissional ainda é aquele que cobra do aluno para ele alcance uma média, que hoje já não existe mais. Então, o que faz um grupo entrar em divergências nas reuniões e conselhos, principalmente, quando se trata da avaliação da aprendizagem dos alunos? O que gera tanto conflito entre os professores?

Cada professor traz suas concepções de mundo do que vivenciou em seu processo de formação. Muitas vezes, valores educacionais que se apresentam como ideais pode nos deixar cegos diante de uma realidade entendida como verdadeira. Neste sentido, de alguma forma, ainda mantém-se no imaginário social que a autoridade do professor está atrelada ao ato de avaliar. Este pressuposto conduz a ideia de que abrir mão da possibilidade de atribuição de notas seria equivalente a abrir mão da própria identidade profissional. Além disso, fortalece a equívoca relação entre o sucesso ou o fracasso profissional ao rendimento escolar do aluno. Para Adorno (2009) a falta de autonomia pode descaracterizar uma identidade. Ou seja, desta forma, a identidade docente se perde em discursos tomados como razões únicas ou tabus, como menciona Adorno (1995), que não permite o exercício de sua autonomia, pois se aliena à

força dominante. A falta do exercício da alteridade – respeitar e reconhecer o outro - entre os sujeitos deturpa o papel da docência.

Compreende-se, então, a relevância da formação constante dentro do espaço escolar. Partindo de uma problemática que está presente todos os dias nos discursos dos professores. Com isso, esta intervenção teve momentos de estudos, discussões e produções escritas que podem contribuir para uma reflexão crítica sobre as imagens e autoimagens da profissão que são (re)produzidas cotidianamente no contexto escolar, pois

(...) é no embate com a realidade escolar que as antigas certezas caem por terra e exigem cada vez mais a busca e o entrecruzamento de saberes. É nessa tensão que somos obrigados a entender que os paradigmas hegemônicos não fornecem respostas para todas as incógnitas, que o cotidiano apresenta, pois a realidade apresentará novas e complexas dificuldades (CAMPOS; PESSOA, 1998, p. 158).

Para propiciar momentos de reflexão e aprendizagens, o trabalho se utilizou da abordagem dialética com contribuições da Teoria Crítica que, segundo Pucci (2007, p. 10) possui “uma potencialidade de intervenção no pensamento crítico. Ao se refletir sobre uma situação, a análise não se esgota na adaptação a ela, mas coloca em evidência outros elementos desconhecidos”. Quando se confronta com os obstáculos do campo da prática, procurou-se entender os conflitos de forma mais ampla para buscar maneiras de compreender e melhorar algo que está posto como natural, dado como comum.

O Relatório Crítico-Reflexivo traz, após a introdução, a apresentação do ambiente da intervenção – Colégio Estadual Santa Vitória Do Palmar. No terceiro capítulo será feita uma abordagem sobre a docência, na qual englobará uma discussão relacionada à profissão, identidade, formação profissional e gestão das práticas escolares no Ensino Médio Politécnico.

O quarto capítulo apresenta o método da intervenção pedagógica e a avaliação da mesma. No método da intervenção está explícito o cronograma e o plano dos encontros que serão realizados na escola. Após, a avaliação, expõe a metodologia da mesma, apresentando os instrumentos da coleta de dados e como será feita análise destes dados.

O quinto capítulo encerra o trabalho com as considerações finais provenientes da experiência da intervenção.



## 2 O COLÉGIO ESTADUAL SANTA VITÓRIA DO PALMAR (CESVP)

**Figura 1 - Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar (CESVP)**



Fonte: a autora.

O Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar está localizado no centro do município. Funciona nos três turnos com Ensino Médio pela manhã e noite, Ensino Fundamental à tarde e Ensino Profissional à noite. Dispõe de um espaço físico amplo com 18 salas de aula, biblioteca com bom acervo bibliográfico, auditório, duas salas de vídeo, laboratório de informática, sala de professores, sala da direção, sala para o SOE e SSE, sala para a banda, três banheiros femininos e três masculinos, um banheiro para aluno portador de necessidades especiais, secretaria, cozinha industrial, refeitório, amplo pátio com pracinha e uma quadra poliesportiva.

Com relação aos recursos humanos, o colégio conta com equipe diretiva, composta pelo diretor e três vice-diretoras. Dispõe, também, de três supervisoras, uma orientadora, quatro secretárias e duas três monitores. Possui um quadro docente qualificado, em que a maioria dos professores possui graduação e muitos com pós-graduação. Dispõe de um corpo discente heterogêneo e atende alunos de várias localidades do município, inclusive do interior. De acordo com o Plano de Estudos do colégio, este possui "(...) uma realidade sociocultural bem diversa" (RIO GRANDE DO SUL, 2012, p. 3).

## 2.1 O Ensino Médio Politécnico - EMP

Na escola o EMP foi implementado em 2012. Esta proposta já havia sido discutida no anterior com os membros da comunidade escolar. O regimento e a proposta foram estudados durante o ano da implementação, pois precisava apresentar para a SEDUCRS o plano de ensino da escola, no qual consta a filosofia da escola, a realidade, os objetivos, a grade curricular, a metodologia e a avaliação, com base no regimento.

Foi um ano letivo tumultuado, com muitas incertezas e discussões acerca da nova proposta. As modificações que ocorreram foram com relação à inclusão do Seminário Integrado no currículo, a organização das disciplinas por áreas do conhecimento e a avaliação da aprendizagem escolar. A proposta pedagógica de organização do currículo do EMP leva em consideração a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Resolução sobre Diretrizes Curriculares para Educação Básica emitida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE/CEB nº 5/2012). Esta proposta tem como base

(...) a dimensão politécnica, constituindo-se no aprofundamento da articulação das áreas de conhecimentos e suas tecnologias, com os eixos Cultura, Ciência, Tecnologia e Trabalho, na perspectiva de que a apropriação e a construção de conhecimento embasam e promovem a inserção social da cidadania (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p.10).

Dessa forma, a proposta se concentra na politecnicidade, que em sua versão geral deve estar articulado com o mundo do trabalho e com as relações sociais. Desta forma a metodologia do regimento padrão engloba a interdisciplinaridade, a pesquisa pedagogicamente estruturada e praticada através do projeto vivencial e o trabalho como princípio educativo Regimento do Ensino Médio Politécnico (RIO GRANDE DO SUL, 2012a).

A avaliação, de acordo com REMP/RS (2012) deve ser emancipatória e acontecerá em dois momentos: nas disciplinas e no projeto vivencial. Nas disciplinas, por meio de vários instrumentos organizados pelos professores responsáveis pelas áreas do conhecimento. No projeto vivencial ela é organizada pelo professor responsável de Seminário Integrado no qual o aluno faz um relatório do trabalho realizado na sala de aula compartilhado com a auto avaliação. Os Seminários integrados

(...) constituem-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto. A realização dos seminários integrados constará na carga horária da parte diversificada, proporcionalmente distribuída do primeiro ao terceiro ano, constituindo-se em espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 26).

Para os estudos de recuperação, inclui-se o Projeto Político Pedagógico de Apoio - PPDA (RIO GRANDE DO SUL, 2012) para os alunos que não atingir CSA (Conceito Satisfatório da Aprendizagem). Desta forma, os alunos que tiverem CPA (Conceito Parcial da Aprendizagem) ou CRA (Conceito Regular da Aprendizagem), farão o PPDA ao longo dos trimestres. Sendo que, se o aluno que obtiver um conceito que não seja satisfatório, em uma das áreas do conhecimento, no fim do ano, aprova para o ano seguinte com PP (Progressão Parcial). Esta progressão ele fará ao longo do ano letivo.

Com a reforma curricular ampliou-se a carga horária de 800 horas, previstas em lei, para 1000 horas anuais. Assim, em vez de 25 horas semanais, o EMP passou a ter 30 horas semanais no turno da manhã e, o EMP noturno continua com as 800 horas anuais.

### 3 DISCUSSÕES ACERCA DA PROFISSÃO DOCENTE

Neste capítulo serão apresentados os seguintes subcapítulos: as imagens da docência e o campo de formação e Gestão das práticas docentes no Ensino Médio; Este último será dividido em: Gestão das práticas avaliativas da aprendizagem: um processo embrutecedor ou emancipatório? e a Gestão escolar e o exercício autoridade.

#### 3.1 Imagens da docência e o campo da formação

A profissão docente tem sido permeada por algumas transformações importantes, que afetam, inevitavelmente, a constituição da identidade dos professores e das imagens formadas acerca da profissão, além de intervirem na prática educativa. Uma grande transformação neste século foi o avanço das tecnologias, a utilização das mesmas na escola, as salas de aula com alunos de classes sociais diferentes e problemas variados. Para Nóvoa (1999), isto tem causado o acúmulo do professor ao ter que enfrentar demandas, que vem reconfigurando às expectativas sociais da docência, neste sentido

a ação educativa sempre se revestiu de uma grande complexidade e de margens significativas de imprevisibilidade. Estas características são ainda mais marcadas nos dias de hoje, devido à presença na escola de crianças de todas as origens sociais e culturais, bem como a democratização do acesso às mais variadas tecnologias de informação e comunicação (NÓVOA, 1999, p 18).

De acordo com Nóvoa (1999) esta situação, assim como a própria multiplicidade de relações culturais, pode secundarizar o papel do professor, especialmente, quando, este panorama toma um caminho de produção de um trabalho enrijecido. Isto se dá por conta de que os professores estão à mercê de condições curriculares pré-estabelecidas ou dispostas pela tecnologia que está ao seu alcance.

Segundo Fischman e Sales (2011), a inovação se mostra necessária pela esfera pública, pois as narrativas redentoras apresentam discursos repetitivos relacionados aos ideais de transformação e, além disso, que a escola possui o papel heroico de acabar com os problemas sociais. Dessa forma, a imagem do

professor ao se constituir como um herói da educação, o sobrecarrega de demandas, como problemas sociais, que não cabe somente a ele resolver. Para Nóvoa (2009, p. 47) “(...) o campo de formação está particularmente exposto a este efeito discursivo, que é também um efeito de moda”, como um ideal, uma verdade a ser seguida. De acordo com Arroyo (2013), o professor não pode se deixar levar por cada nova moda imposta pela economia, política ou pedagógica, como se fossem cata-ventos.

Podemos denunciar tudo isso e cair num jogo de forças para impor outro olhar, outra política, mas se não sairmos dessa lógica, continuaremos no mesmo jogo e na mesma visão de que a categoria de professores não passa de um cata-vento. A questão passa a ser que vento sopra e quem controla hegemonicamente o vento que fará girar os mestres, que definirá o perfil, o currículo e a instituição dessa massa informe. (ARROYO, 2013, p. 25)

O cenário apresentado pelo Ensino Médio, quando evidencia ou vivencia situações de mudanças que para os professores está sendo complicado lidar e assimilar. A implementação da politecnicidade, a mudança no currículo, ao colocar um componente curricular - para fazer a integração com as demais - e a avaliação da aprendizagem acontecer no coletivo dos professores desestruturou um espaço, no qual, estes estavam acostumados a ter certa individualidade. Os professores compreendem que a ideia da proposta inserida por José Clóvis de Azevedo tem sua relevância e é importante para que haja mudanças positivas no ambiente escolar. Porém, estes discordam da maneira como foi implantado, pois salientam que houve pouco tempo para estudar a proposta e dialogar com a comunidade em que se encontra a escola. Com isso, as falas dos professores e dos alunos de que nenhum aluno reprova, por isso não adianta avaliar como antes, ou não precisa estudar como antes, vem se repetindo cotidianamente. Isto, também, pelo fato da proposta do EMP englobar estudos de recuperação ao longo dos trimestres - o PPDA - que são importantes para a aprendizagem dos alunos e com objetivo de ser uma proposta emancipadora, como sugere o Regimento do Ensino Médio Politécnico (2012a). Portanto, de acordo com Nóvoa (2009, p. 47) “(...) a moda é, como todos sabemos, a pior maneira de enfrentar os debates educativos”, e para sair desta malha que envolve a todos, alguns conceitos relacionados às práticas de sala de aula, como a avaliação da

aprendizagem, precisam ser reconstruídos e até mesmo desconstruídos pelos próprios professores. Senão como diz Arroyo (2013), os professores serão como cata-ventos.

O contexto se transforma e as mudanças sempre acontecerão no espaço escolar, para Fischman e Sales (2010), o que complica são as falas repetidas, representações coletivas acerca da profissão denominadas por “tabus” como menciona Adorno (1995), que desvaloriza uma classe e desqualifica a sua função. Tabus que vem desde a ascensão econômica, que já é um motivo para a aversão à profissão. Mas, além disso, o autor menciona questões como a igualdade de oportunidades educacionais do professor de ensino básico que se contrasta com o professor de universidade, ao ressaltar que o primeiro encontra dificuldades para vincular-se às investigações produtivas e que se atém mais ao campo pedagógico. Por isso, a grande fenda que se instaurou entre teoria e prática neste campo.

Adorno (1995) traz representações do professor do século passado, ressaltando a imagem do professor como, “castigador”, que utilizava do autoritarismo para agredir seus alunos fisicamente e verbalmente.

Esta ideia do professor como castigador ou autoritário ainda que venha dissipando-se no contemporâneo, permanece em certas atitudes adotadas pelos próprios docentes. Muitos professores, em suas falas relacionadas aos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar e a maneira como é conduzido este procedimento no ensino médio politécnico, manifestam a ideia de que este é um produto final do processo de ensino e aprendizagem. Além disso, percebe-se em algumas destas falas o autoritarismo, como se avaliação servisse de punição aos alunos que não apresentam interesse em estudar ou realizar as atividades em sala de aula. Ainda vê-se o discurso de que, para o aluno aprender ele precisa estudar para as “provas” e estas devem apresentar um grau alto de dificuldade que, no momento, alguns docentes acreditam não estar de acordo com suas concepções. Isto, pela confusão criada pelos professores e equipe diretiva da escola frente ao novo regimento, quando este traz para o sistema de ensino um ideal de avaliação, quando expõe que o aluno tem o direito de recuperar ou de melhorar o seu rendimento ao longo de todo ano,

através do Projeto Político Pedagógico de Apoio (RIO GRANDE DO SUL, 2011), com vistas para uma avaliação emancipatória.

Portanto, os tabus ou preconceitos além de intervirem na prática, também influenciam inevitavelmente a constituição da identidade docente. Para Garcia; Hypolito e Vieira (2005, p. 48)

(...) por identidade profissional docente entendem-se as posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos.

No contemporâneo, a identidade do professor vem se reconfigurando, com uma pluralidade de tabus, que as imagens da docência se tornam cada vez mais diversa. De acordo com Boufleuer (2013), a docência vem sofrendo uma crise de identidade, por estar abarcada de funções. Para este autor, a burocratização do sistema de ensino também traz (des)encaminhamentos que desviam o papel de cada segmento no âmbito escolar e isso pode contribuir para que ocorra uma crise na profissão e fracasso no processo de ensino. Isto causa certo desânimo nos educadores, quando a autoridade que este deveria utilizar se torna violada.

Para Boufleuer (2013) a crise relacionada à profissão docente revela alguns valores, a visão da sociedade e a do próprio docente. A sociedade que o desvaloriza tão quanto a sua posição social ou ao seu profissionalismo, mas ao mesmo tempo coloca toda perspectiva de salvador da Pátria. Há uma expectativa exagerada nas ações dos professores que traz constrangimentos que ocasionam a falta de entusiasmo. Isto ocasiona certa confusão quanto à função que estes deveriam desempenhar. Assim se coloca expectativa no currículo que é desenvolvido pelos professores na escola e espera-se que "(...) venham a equacionar carências e desigualdades de diversas ordens, cujo enfrentamento e solução, em muitos dos casos, deveriam ser propriamente de responsabilidade da sociedade e de suas respectivas instâncias de organização política" (BOUFLEUER, 2013, p. 398). Mas como resignificar visões em tempos de crise e de mal estar que a profissão vem enfrentando?

As redefinições de conceitos ou tabus depende do processo de formação no qual o sujeito está engajado que segundo Boufleuer e Fensterseifer (2010, p. 260):

As noções de verdade e de correção se articulam com o tema da racionalidade. Ocorre que em perspectiva pós-metafísica cabe aos homens, inclusive, estabelecerem os parâmetros de sua racionalidade, sabendo de antemão que tais parâmetros não passam de proposições e que, por isso, possuem um caráter histórico, porque sempre passíveis de redefinição.

Por isso, a razão não é firmada por um “feito meu” e sim por um “feito nosso”, pois através da intersubjetividade – o depender do outro – é que se pode pensar em novas proposições para exercitar a autonomia e concretizar ações contribuintes para a escola e para uma formação emancipadora. Desta maneira, o exercício da alteridade é imprescindível, pois de acordo com Grupo Contrapsicológico “Esquicie” (1998, p. 164), “(...) a relação que, no respeito ao não do outro” encontra, então, a possibilidade de ser sujeitos, de autonomia. Sendo assim, O grupo enfatiza que para a alteridade.

(...) o Eu precisa e também é parte do Outro, não pode construir-se nem como defesa nem contra o Outro, porque a liberdade “não pode ser exercida solitariamente (...), não é uma defesa nem um ataque, mas uma aprendizagem longa, comum e solidária (GRUPO CONTRAPSICOLÓGICO “ESQUICIE”, 1998, 164).

Influenciado pela dialética negativa de Adorno, Pucci (2007) afirma que a formação cultural se constitui através da tensão entre dois polos, o da autonomia e o da integração. A autonomia significa “liberdade, autodeterminação, capacidade de emancipação”. Já a integração significa “adaptação, acomodação, heteronomia” (p, 145). Pucci (2007) salienta que na “atual sociedade administrada” predomina mais a integração do que a autonomia, por isso há um processo de semiformação, ou seja, uma formação regressiva e totalitária, de forma a alienar o sujeito. Com isso “o espírito torna-se de fato o aparelho da dominação” (1947, p. 34) como ressalta Adorno e Horkheimer (1995).

Os métodos e práticas pedagógicas de uma escola que enfrenta os mais variados conflitos, segundo Contreras (2012), não devem ser pensados “como



simples mecanismos de aplicação de técnicas ou de translação de regras de decisão ou de esboço” (p. 125), para tratar situações problemáticas. Esta postura pedagógica tem raízes no modelo positivista<sup>1</sup>, tomando como princípio a existência de uma única verdade, que precisa ser descoberta para resolver os problemas em sua totalidade. Por isso, a autonomia é fundamental para o processo de formação dos professores. Pimenta (2012) enfatiza que – de acordo com as pesquisas recentes – para o professor efetivar transformações em suas práticas, se torna necessário expandir a consciência acerca de seus atos.

Dessa maneira, o processo de formação de professores só terá sentido para estes, se partir das problemáticas que se deparam no contexto da escola e quando busca reconhecer as experiências docentes para que, a partir dessa partilha, se possa intervir na realidade e constituir positivamente uma identidade profissional. Segundo Pimenta (2012, p. 9), “(...) valorizar o trabalho docente significa dotar os professores de perspectiva que os ajudem a compreender os contextos” histórico, sociais, culturais e organizacionais em que acontece sua atividade.

### **3.2 Gestão das práticas docentes no Ensino Médio**

As mudanças que ocorreram no sistema educacional, desde a implantação da politecnicidade, provocam aversão e certa inconformidade em grande parte dos professores do colégio estadual Santa Vitória do Palmar. Poucos afirmam que essas mudanças são necessárias, muitos reclamam da maneira que acontece, quando afirmam que tudo vem de cima para baixo, sem que haja contextualização com a realidade escolar.

Conforme Nóvoa (1999, p. 13), “não se veem surgir propostas coerentes sobre a profissão docente. Bem pelo contrário. As ambiguidades são permanentes”. Ou seja, as determinações são impostas por alguém ou alguma política vigente e desta forma em vez contribuir para o processo de ensino e

---

<sup>1</sup> O positivismo para Severino (2007, p. 118) traz uma concepção “experimental-matemático”, no qual limita o conhecimento a determinados fatos, tornando-os como fontes absolutas. Baseia-se em pressupostos da fenomenalidade do mundo natural. Este paradigma influenciou as teorias do século passado, no qual desenvolveu os sistemas das ciências Humanas. Desta forma, as concepções de teoria e prática na escola ainda percorrem por estes pressupostos.

aprendizagem, pode atrapalhar o andamento do que já estava planejado e organizado de acordo com o currículo construído.

O imediatismo de se querer alcançar altos índices e bons resultados tanto por parte das famílias quanto por parte dos docentes, também pode ser um agravante para se perder o sentido da educação escolar, pois o processo de aprendizagem não acontece de um dia para o outro.

O gerir das práticas docentes no ensino médio politécnico e as visões que a realidade muitas vezes apresenta, necessitam de reconfigurações. Passa-se por processos de reestruturas de currículo e por determinações, que enfatizam “a melhoria no ensino”.

A escola é uma instituição social e apresenta, por parte dos sujeitos, vontades e expectativas que segundo Paro (2008) extrapolam “as determinações oficiais”, por ser um lugar de interação e de singularidades, algo sempre fugirá do controle. E são essas coisas que escapam do controle que torna o espaço da escola único e que necessita contextualização com as disciplinas e os conteúdos a serem ensinados.

Ao pensar no currículo do Ensino Médio, busca-se privilegiar certos conteúdos ou disciplinas, que são importantes para a formação do educando, mas, muitas vezes, não se leva em consideração ou não se faz a inter-relação com outros tipos de conteúdos que de acordo com Paro (2008) são indispensáveis para a formação humana, como as representações artísticas por exemplo. O autor ainda salienta:

Quando se trata de currículo, não se pode nunca deixar de associar conteúdo e forma de ensinar. (...) por mais abstrato e complexo que seja determinado conteúdo cultural (conhecimento, valor, arte, etc.), o aluno só aceita o convite do educador para apropriar-se dele se se fizer autor, ou seja, ele só aprende na forma de quem age orientado por sua vontade (PARO, 2008, p. 28,).

O conteúdo e a forma de ensinar estarão diretamente influenciando a aprendizagem do aluno. Porém, para Hardt e Dozol (2014) não dependerá somente do método ou da técnica, há todo um contexto social a ser levado em conta, até mesmo por que somos diferentes, e é essa diferença que torna o ensino complexo. As autoras ainda salientam que com relação ao ensino:

(...) aquilo que se espera não é, de maneira alguma, garantia. Muito provavelmente isso se deva ao caráter inconclusivo quantos a fins demarcados, à impossibilidade do controle aos moldes do absoluto, ao fator “surpresa” que todo e qualquer processo formativo ou educativo encerra, apesar do otimismo pedagógico que sempre pairou sobre as mais diversas teorias e os mais variados métodos quanto a resultados (...) (HARDT; DOZOL, 2014, p. 112).

Neste sentido, as maneiras de pensar influenciam a forma de agir com relação à prática educativa. A racionalidade que a totalidade impõe como verdadeira, muitas vezes, exige reformulações. Hoffmann (2013) aponta que há congruências com o papel que a escola desempenha e isto não contribui para uma boa interação entre os pares e “não há apenas um saber em jogo, mas múltiplos saberes (cada um pensa “a escola” como pode)”. Por isso, segundo Lück (2011) cabe à equipe gestora pensar nas relações interativas e no seu papel na escola de orientar as práticas e fortalecer o trabalho com articulação do coletivo, buscando que todos se comprometam com a efetivação de decisões e que contribua com “resultados significativos”.

### **3.2.1 Gestão das práticas avaliativas da aprendizagem: um processo embrutecedor ou emancipatório?**

Com a reestruturação do currículo e a efetivação do Ensino Médio Politécnico que organizou as disciplinas em áreas do conhecimento, os professores devem pensar a avaliação no coletivo, pois o sistema educacional que impôs um regimento – a politecnia - exige que os conceitos que classificam a aprendizagem dos alunos sejam atribuídos por áreas, de acordo com a Resolução:

Em termos operacionais, os componentes curriculares obrigatórios decorrentes da LDB que integram as áreas de conhecimento são os referentes a:

I – Linguagens: a) Língua Portuguesa; b) Língua Materna, para populações indígenas; c) Língua Estrangeira moderna; d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical; e) Educação Física.

II – Matemática.

III - Ciências da Natureza: a) Biologia; b) Física; c) Química.

IV - Ciências Humanas: a) História; b) Geografia; c) Filosofia; d) Sociologia (BRASIL, 2012, p. 3).

Por isso, pensar nas práticas avaliativas nos dias contemporâneos pode ser um grande desafio para a escola. Os processos avaliativos que o sistema escolar apresenta muitas vezes não correspondem ao sentido em que esta deveria ter para a formação humana, o da emancipação. Mesmo que o projeto político pedagógico e o regimento da escola estejam formalmente de acordo com as diretrizes curriculares, parece que muito se confunde quando entra na discussão a avaliação da aprendizagem escolar. O currículo ao enfrentar mudanças sempre causa rejeição, principalmente quando toca no ponto em que, deixar algumas concepções equivocadas pode ser um esforço que exige de todos ressignificações e novas interpretações.

A avaliação, inevitavelmente, interfere no cotidiano escolar e na composição das imagens relacionadas à docência, é um processo imprescindível tanto para a aprendizagem do aluno quanto para a formação do docente, assim como se refere Hardt e Dozol (2014, p. 91):

A formação tem uma relação com a invenção, com a capacidade de seres humanos, com a arte. Da mesma maneira a avaliação. Ambas não se vinculam a uma busca estéril pelo autoconhecimento vinculado à arrogância de quem se constituiu sozinho, mas têm relação com as experiências pelas quais passamos e como elas nos tocam.

O sentido da avaliação, no âmbito escolar, ainda transita pelo entendimento de que é meramente classificatória, até mesmo por que o sistema educacional também exige que ela seja dessa forma, quando se tem que atribuir um conceito para o aluno ao final de cada trimestre ou semestre. Segundo Hoffmann “Dados de pesquisas nacionais e internacionais revelam, (...) que experiências educativas de sucesso são pautadas pela competição e pela seleção, em lugar de ética da inclusão, do respeito, da solidariedade (...)” (2013, p. 19). Além desse entendimento, a avaliação trás uma forte relação com o sentido de autoridade, quando utiliza o quantitativo para premiar ou reprender o processo de aprendizagem do educando. Isto pode ser entendido quando pensamos que a educação tem uma relação com os princípios políticos de uma sociedade, estreitamente baseados numa superioridade absoluta:

Há o fato adicional, muito provavelmente decisivo, de que há tempos imemoriais nos acostumamos, em nossa tradição de pensamento

político, a considerar a autoridade dos pais sobre os filhos e de professores sobre alunos como o modelo por cujo intermédio se compreendia a autoridade política (ARENDR, 2007, p. 241).

No entanto, os processos avaliativos da aprendizagem vão além das imposições ideológicas e da classificação que um sistema pode exigir, pois se for levado em conta somente essas dimensões, qual será o sentido da avaliação para a formação escolar? Para o processo de aprendizagem, a avaliação é uma aliada para o fim emancipatório que este deve visar. Para Rancière (2002), mestre emancipador é aquele que se põe no lugar do outro, deixando a sua inteligência de lado para privilegiar a do educando e “o que pode, essencialmente, um emancipado é ser emancipador: Fornecer não a chave do saber, mas aquilo que pode uma inteligência, quando ela se considera como igual a qualquer outra e considera qualquer outra igual à sua” (p. 50). Ou seja, isso se caracteriza pela alteridade, quando o sujeito respeita o outro, sem que haja preconceitos e relação desigual de poder acerca de sua inteligência e capacidade de aprender. Ao contrário disto, o processo de aprendizagem também pode embrutecer:

O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência. E o que embrutece os “inferiores” embrutece, ao mesmo tempo, os “superiores”. Pois só verifica sua inteligência aquele que fala a um semelhante, capaz de verificar a igualdade das duas inteligências (RANCIÈRE, 2002, p. 168).

Portanto, de que maneira pode-se ressignificar os saberes relacionados às práticas avaliativas na atualidade? Como direcionar as práticas docentes para ir além do sentido embrutecedor que estas ainda pressupõem?

Hoffmann (2013) afirma que todo tipo de transição é dolorido, pois necessita de “renúncia e dedicação” - renúncia a concepções tomadas como verdadeiras e dedicação ao estudo e reflexão acerca das práticas - e o espaço só estará aberto para mudanças se houver esforço de todos que estão envolvidos:

Devem-se aprofundar as perguntas e as respostas em pesquisas sobre a realidade escolar antes de quaisquer mudanças em educação, principalmente em avaliação. “Pensar de forma diferente” só acontece a partir do diálogo entre todos os elementos da ação educativa, da permanente reflexão sobre a prática (HOFFMANN, 2013, p.20).

A abertura ao diálogo para repensar as práticas educativas, também é um aprendizado para a docência, que também tem um fim emancipatório, pois este é o objetivo do processo de formação. Sendo assim, o exercício da alteridade é fundamental também, entre os educadores.

### **3.2.2 Gestão escolar e o exercício da autoridade**

A palavra gestão, ecoada no ambiente escolar, ainda remete primeiramente a figura do diretor e sua equipe, como vice-diretor e supervisor. Há uma carga histórica, pois conforme Drabach e Mousquer (2009), antes da Constituição Federal de 1988 e da LDBN nº 9.394 de 1996 havia um processo antidemocrático, no qual centralizava na figura do diretor o papel de administrador e a única pessoa a ditar as regras dentro do espaço escolar. Após a normativa da LDBN que “assegura” à escola pública a organização deste espaço pelos princípios da democracia – “autonomia e construção coletiva” - viabilizou a participação de todos os segmentos da comunidade escolar. Para Lück a nova concepção de gestão:

(...) é caracterizada pelo reconhecimento da importância da participação consciente e esclarecida das pessoas nas decisões sobre a orientação, organização e planejamento de seu trabalho e articulação das várias dimensões e dos vários desdobramentos de seu processo de implementação (LÜCK, 2011, p.36).

A forma hierárquica de administração da escola do passado, que tinha como parâmetro o modelo administrativo empresarial, de certa forma, ainda se mantém em muitas escolas, mesmo a equipe diretiva e os professores sendo cientes de que eles podem fazer politizações e transformações relacionadas às problemáticas que surgem no contexto em que estão inseridos.

No entanto, por qual motivo uma classe de professores se torna imobilizada, diante de um processo democrático? Isto faz parte do nosso processo de formação e está atrelado a nossas experiências relacionadas ao princípio de autoridade e também de autonomia. Segundo Paro (2008), exercitar a partilha é fundamental, mas compreender o sentido da persuasão também. Em

nossas concepções, muitas vezes, não conseguimos ter o entendimento de certos conceitos como o da palavra persuasão. O que é persuadir e o que é coagir? O indivíduo ao ser autoritário ele vai coagir, dominar o outro, e este só irá obedecer. O que possui autoridade irá persuadir através do diálogo, e assim efetivará a prática democrática. Mas será que estamos preparados para efetivar esta persuasão?

O sentido de persuasão implica o da democracia, que vai além da autoridade, pois para a Arendt (2007) o sentido político que a autoridade possui não é o mesmo da persuasão, quando comparamos autoridade com a coerção. Quando se constrói uma gestão democrática, se privilegia o momento da partilha para as tomadas de decisões. O sentido de autoridade vai além da coerção, ela tem como princípio a responsabilidade e é esse princípio que se deve levar em conta no âmbito escolar, pensando no papel que cada um desempenha (professor, supervisor ou diretor) dentro de um espaço que visa à formação humana.

## 4 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

### 4.1 Algumas considerações metodológicas

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, na qual busca contribuições da perspectiva da Teoria Crítica<sup>2</sup> para pensar a figura docente contemporânea e as interferências que sofre no cotidiano do seu trabalho. Para isso, utiliza-se da pesquisa do tipo intervenção pedagógica, seguindo o exposto por Damiani:

São investigações que envolvem o planejamento e a implementação e interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagens dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI et al., 2013, p. 58).

A pesquisa intervencionista dá-se em dois tempos: A intervenção, propriamente dita, e a avaliação da mesma. No primeiro tempo, serão realizados os encontros com os professores, os quais foram planejados e organizados de forma que possibilite uma discussão – com referencial teórico - acerca das temáticas que cada um englobará.

A intervenção foi realizada no Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar, no município de Santa Vitória do Palmar, localizado no extremo sul do país. Os sujeitos da intervenção foram todos os professores que lecionam no Ensino Médio e a equipe diretiva. Todos foram informados sobre a pesquisa e concordaram mediante acordo firmado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Apêndice A).

A escola possui em torno de mil e quatrocentos alunos, sendo que, o Ensino Médio conta com setecentos, os demais pertencem ao Ensino Fundamental. No Ensino Médio Politécnico, contando os turnos da manhã e noite, são 36 professores que trabalham nestes turnos. Destes, trinta foram

---

<sup>2</sup> O Termo Teoria crítica, de acordo com Pucci (2000), é considerado amplo em seu entendimento, pois "(...) nomeia as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo antipositivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana" (p. 1). Em 1920 um grupo de pensadores alemães realizou pesquisas relacionadas aos problemas sócias enfrentados naquela época, na Alemanha. Estes intelectuais, por se concentrarem na cidade de Frankfurt, instituíram a "Escola de Frankfurt" e, os principais, são Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Foram influenciados por Kant, Hegel, Weber, Nietzsche e Marx.



sujeitos da pesquisa, contando com as supervisoras do turno da manhã e noite, vice-diretoras do turno da manhã e da noite e o diretor.

Através das rodas de conversa feitas com os professores e a equipe diretiva da escola, foi proposto momentos de reflexão, discussão e sistematização sobre os discursos recorrentes acerca da profissão docente a fim de analisar as imagens e autoimagens configuradas pela docência.

Para a discussão foram feitos questionamentos que trouxeram para a análise subsídios que dialogam com outras pesquisas. Neste sentido, a proposta seguiu o apontado por Albuquerque e Galiazzi (2011), quando mostra que as rodas de conversa contribuem para a formação dos sujeitos, pois a interação entre os mesmos possibilita a construção de aprendizagens.

Quando se organiza um grupo de formação em Rodas, (...) a presença de diferentes pontos de vista impulsiona as aprendizagens. As discussões de experiências, juntamente com o estudo de textos teóricos, propiciam reflexão entre teoria e prática, possibilitando a partilha das experiências, das interpretações, da relação entre elas e das possibilidades de por em prática o que é discutido (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2011, p.388).

A intervenção segue os pressupostos da dialética negativa, que, segundo Adorno (2009), não se refere apenas a encontrar as contradições de uma realidade ou a realizar a crítica tendo um modelo teórico como suporte, mas em apontar o que é em função do que deveria ser, ou seja, por meio das contradições é que o pensamento se mobiliza para encontrar as melhores formas de lidar com a realidade. Para Tiburi (2005, p. 148), “o sentido de dialética em Adorno” se configura no confronto entre os opostos, assim “a dialética negativa precisa que a superação ocorra na prática, caso contrário ela não poderá nem mesmo supô-la teoricamente”.

Assim, de acordo com Adorno (2009), nenhum conceito pode se sustentar por si só, pois já está carregado de dubiedades. E, por isto, que ele pode ser desconstruído e reformulado, através da alteridade.

A proposta de intervenção se deu através de encontros semanais, de uma hora e trinta minutos, importantes para a discussão e prática reflexiva, nos quais serão trabalhados com temáticas relacionadas à profissão e a formação docente, à avaliação da aprendizagem escolar e imagens e autoimagens da

docência. Para subsidiar os debates, foram desenvolvidos narrativos, subsidiados pelos livros: **O mestre ignorante** (Jacques Rancière, 2002); O livro **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois** (Jussara Hoffmann, 2013); Os filmes **O sorriso de Monalisa, Entre os muros da escola** (François Bégaudeau, 2008) e **Ao mestre com carinho 2** (Peter Bogdanovich, 1996); O documentário: **A educação proibida** (German Doin 2012). Foram abordados nas discussões autores que tratam sobre as temáticas contempladas em que cada encontro.

. Conforme Rancière (2012, p.45): “Há signos entre nós. Isso quer dizer que formas visíveis falam e que as palavras têm o peso de realidades visíveis, que as formas realçam mutuamente seus poderes de apresentação sensível e de significação”. Dessa maneira a análise do que está implícito e até mesmo explícito, nos filmes oportunizará momentos de reflexão, alteridade e reconfiguração das imagens e autoimagens da docência.

Para a avaliação da intervenção, utilizou-se a observação participante, o diário de campo e escritas dos docentes em sistematizações, que foram estruturados pelos temas trabalhados em cada encontro.

#### **4.2 Plano de ação da intervenção pedagógica**

No plano da intervenção foi apresentado o cronograma dos encontros, contendo as datas, turnos, tempo estimado e as temáticas. Após, teve a descrição de cada encontro, que seguiu a mesma ordem de apresentação: no primeiro momento aconteceu a apresentação da proposta, no segundo a análise vídeos, charges, os quais serviram para o levantamento de questionamentos, que ocorreu no terceiro momento; o quarto momento foi realizado a discussão com os professores acerca dos questionamentos feitos e no quinto e último momento, a conclusão do encontro.

Esta forma de apresentação seguiu uma ordem, pois serviu para orientar o trabalho. Assim, os questionamentos e as discussões de cada encontro foram ponderados, de modo a desenvolver o que foi planejado.

Na apresentação do primeiro encontro, foi explicado como aconteceria todos os outros, para que os professores pudessem ter uma ideia de que modo o trabalho seria conduzido.

E para fechar o plano de intervenção, fez-se um relato de como ocorreram os encontros com as discussões apresentadas pelos professores. A seguir apresentar-se-á o cronograma dos encontros.

#### 4.2.1 Cronograma dos encontros

**Tabela 1 – Cronograma dos encontros**

Encontro/Data	Duração	Temática
1º/12/11/2015 (Manhã)	1h 30 min	Formação e profissão docente
2º/12/11/2015 (Noite)	1h30 min	Formação e reconhecimento
3º/26/11/2015 (Manhã)	1h30 min	Formação e identidade
4º/26/11/2015 (Noite)	1h30 min	Formação e alteridade
5º/03/12/2015 (Manhã)	1h30min	Formação e autonomia
6º/10/12/2015 (Manhã)	1h30 min	Formação e autoridade

Fonte: Autoria da pesquisadora.

#### 4.2.2 Encontros propostos

##### 4.2.2.1 1º Encontro: Formação e profissão docente

###### 1º MOMENTO: Apresentação da proposta

O encontro buscou refletir acerca da necessidade de se questionar sobre o papel do professor no contemporâneo, resgatando as experiências profissionais dos participantes, a fim de que possam ampliar suas ideias sobre o papel formativo que exercem ao promoverem as práticas pedagógicas de aula e na sua participação na construção e efetivação do currículo e do projeto político pedagógico da escola. Este como sendo o primeiro encontro, revelou como

aconteceriam os demais. Sempre na mesma composição, o primeiro momento com apresentação da proposta, o segundo com apresentação de uma imagem ou narrativa. O terceiro com levantamento dos questionamentos, após a discussão e a conclusão com uma atividade diferenciada e sistematizações acerca do que foi discutido ou levantado como proposta de encerramento. Neste encontro, a discussão foi subsidiada pela narrativa do livro “O mestre ignorante” de Jacques Rancière (2002), no qual os professores receberam antecipadamente a narrativa, que se encontra no primeiro capítulo do livro. O autor apresenta uma metáfora relacionada ao título de sua obra, fazendo uma relação com o que é ser mestre embrutecedor ou emancipador.

Para entender essa relação, ele conta a história do professor Jacotot que não precisou utilizar de explicações para que os alunos aprendessem sua disciplina, que era o Francês. Ele menciona que os alunos precisaram do professor para a orientação do trabalho, pois sem este não seria possível realizá-lo, mas os alunos tiveram que usar sua própria inteligência para aprender. E é este o princípio da emancipação para Rancière.

Para colocar a narrativa em pauta, levantou-se alguns questionamentos relacionados às experiências dos professores que participaram do encontro. Assim pode ser discutido sobre a metáfora com relação ao título da obra de Rancière e pensar no papel do professor no contemporâneo.

## **2º MOMENTO: Apresentação da imagem**

Os professores foram divididos em quatro grupos, para cada grupo foi distribuído quadros de formatura em que estão algumas imagens de professores dos grupos.

Os quadros ficam expostos no espaço de entrada da escola e no corredor. São inúmeros, todos com as turmas de terceiros anos do ensino médio e professores da turma e mais o regente, sendo que são poucos professores que aparecem nas fotos. Os quadros são como uma tradição para as turmas e para escola, representando o sucesso de ter encerrado aquela etapa.

Após a observação dos quadros os participantes foram instigados a comentar sobre as imagens vistas. A seguir foram apresentados alguns questionamentos feitos aos participantes que estão nas fotografias.

**3º MOMENTO: Levantamento de questionamentos**

- Com relação a sua experiência profissional, como você vê sua prática de ensino na escola desde quando começou sua carreira e até o momento?
- Que atitudes em sua experiência docente você mudou, que não gostaria de ter mudado após a reforma curricular do Ensino Médio?
- Que fatores contribuíram para essas mudanças?
- Com relação à narrativa de Rancière, em que medida você se considera um mestre “ignorante” ou “embrutecedor”/“explicador”?
- Que aspectos da narrativa você acha relevante trazer para a nossa realidade escolar?

**4º MOMENTO: Discussão sobre o assunto**

Pensar sobre o papel do professor no contemporâneo, nos traz grandes inquietações, principalmente, pelas mudanças que ocorrem no cenário cultural. Estas mudanças atingiram inevitavelmente o espaço escolar, como o avanço das tecnologias e uso das mesmas na escola e a utilização indevida pelos alunos, que deixa os professores imobilizados, sem saber qual a melhor maneira de agir. As famílias que cada vez mais colocam maior responsabilidade sobre a figura do professor e da escola, deixando de cumprir seu papel com relação à educação de seus filhos. As demandas do sistema também são muitas, mudanças curriculares acontecem sem que haja contextualização com a realidade escolar. Como, então, lidar com tudo isso? E o processo de ensino e de aprendizagem como se dá diante de tantas transformações?

Ao trazer a história de Joseph Jacotot de 1818, Rancière (2002) busca refletir acerca do papel da docência com relação à prática pedagógica de ensinar e a relação do professor com a metodologia de ensino. Jacotot ao analisar sua experiência, como professor de francês de alunos holandeses, descobriu através de sua prática que seus alunos aprenderam o francês sem que lhes desse explicações sobre a estrutura da língua. Este não sabia falar holandês, havia alguém que passava as suas instruções. Ao pedir aos jovens que lessem uma obra chamada *Telêmaco*, em francês, estes buscaram em grupo traduzir e interpretar. Quando os alunos tiveram que apresentar, percebeu que os mesmos aprenderam sozinhos com a obra de Fénelon algumas estruturas da língua francesa.

Com a narrativa, Rancière (2002) levanta problematizações acerca das metodologias de ensino, ao dizer que “Jacotot nada havia transmitido, o método era “puramente” do aluno.” Se os objetivos da atividade pedagógica daquela época relacionavam-se à ideia de transmitir conhecimentos, como os alunos conseguiram apropriar-se de conhecimentos sem as explicações do Mestre? Rancière ao abordar isto, não desvaloriza o papel do professor, mas o apoia no princípio da emancipação, que é a autonomia, ele ainda ressalta que os alunos:

(...) haviam aprendido sem mestre explicador, mas não sem mestre. Antes não sabiam, mas agora, sim. Jacotot havia lhes ensinado algo. No entanto, ele nada lhes havia comunicado de sua ciência. Não era, portanto a ciência do mestre que os alunos aprendiam. Ele havia sido Mestre por força da ordem que mergulhara os alunos no círculo, de onde eles podiam sair sozinhos, quando retirava sua inteligência, para deixar as deles entregues àquela do livro (RANCIÈRE, 2002, p. 25).

Portanto, ao mediar a situação, da maneira citada anteriormente, Jacotot contribuiu para a emancipação de seus alunos, quando propiciou a eles a autonomia do aprender. Com isso, busca-se fazer uma reflexão no sentido de pensarmos a relação que temos com nosso aluno, o que temos em comum entre nossos conhecimentos, como no caso de Jacotot, a obra *Telêmaco* que fazia a ligação entre eles. Buscar pontos em comum, sem precisar subordinar a inteligência do outro. Compreender como acontecem os processos de ensino e de aprendizagem em sala de aula nos leva a ter um novo olhar sobre teoria e prática.

#### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Aos professores, foi distribuído papéis de anotação<sup>3</sup> para escreverem sobre suas experiências relacionadas à sua formação e a prática docente e, também, abordar o que foi discutido. A questão norteadora foi: Quais imagens guiam seu modo de entender a tarefa docente e de onde elas vêm?

#### 4.2.2.2 2º Encontro: **Formação e reconhecimento**

##### 1º MOMENTO: **Apresentação da proposta**

---

<sup>3</sup> Estas folhas serão, ao final dos encontros, recolhidas e arquivadas para que a pesquisadora (professora-mediadora) possa analisar qualitativamente as sistematizações.

O encontro teve questões acerca do documentário “A educação proibida<sup>4</sup>” para tratar sobre o reconhecimento como respeito pelo outro.

O documentário apresenta a realidade da escola e como o aluno manifesta-se com relação à educação e, também, como os professores abordam a situação.

### 2º MOMENTO: **Apresentação da imagem**

As cenas que foram apresentadas mostraram alunos de uma escola que fizeram um trabalho pedido pelo professor de filosofia em que os mesmos deveriam escrever sobre a educação. Um dos trabalhos causa transtorno na escola, pois alguns alunos escrevem que a educação é proibida para todos. A direção e alguns professores não concordando com a situação não deixam os alunos apresentar o trabalho. O professor que pediu o trabalho se opõe a decisão dos colegas, dizendo que deveriam analisar melhor o assunto e concordava de certa forma com algumas concepções trazidas pelos alunos. Tais concepções não culpam somente os professores, mas o sistema como um todo, incluindo governo e a família.

Ao ser vetada a apresentação dos trabalhos, os alunos não desistem de mostrar sua opinião para a comunidade e imprimem o texto para distribuir entre os colegas e a comunidade onde vivem.

A partir destas cenas, foram lançados alguns questionamentos para discutir sobre o reconhecimento da profissão docente.

### 3º MOMENTO: **Levantamento de questionamentos**

- De acordo com o documentário quando menciona que qualquer metodologia pode ser proibida, o que isso pode influenciar no reconhecimento da profissão?
- Que imagem sobre a escola se destaca nas falas dos alunos?
- De que maneira pode-se trabalhar para que se tenha reconhecimento? Como ter o reconhecimento que tanto se almeja?
- Em sua opinião, em que sentido a escola (pensando nos gestores equipe diretiva e professores) pode contribuir para que a educação não seja proibida, no regimento que se impõe na atualidade?

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gVSW652HrUg>>. Acesso em ago. 2016.

-Para enfrentar as situações não favoráveis à educação, pensa-se na importância da formação continuada dentro do espaço escolar. Como você enxerga este processo?

- Em sua opinião, o que é relevante para que a formação contribua para o reconhecimento da profissão?

#### 4ºMOMENTO: **Discussão sobre o assunto**

O processo de formação de professor no contemporâneo está sendo cada vez mais discutido e levantando novos enfoques e questionamentos sobre a profissão e os problemas que a educação enfrenta. A grande maioria dos professores, muitas vezes, reclama que a educação está ficando defasada, que os sistemas não colaboram com o processo de ensino e aprendizagem.

Muito se está debatendo sobre a formação continuada, mas esta é vista com grande indiferença, por parte dos docentes que, ao entrar em confronto com as mudanças educacionais, não conseguem compreender e buscar conhecimentos para contribuir, pois as concepções relacionadas a este processo priorizam quem irá capacitar os professores, ou seja, sempre alguém de fora da realidade escolar, trazendo suas teorias, isto pelo fato de virmos de um ensino em que se aplica uma solução para todos os problemas, quando torna uma verdade como a única. De acordo com Pérez Gómez (1997), ainda leva-se muito em consideração a vivência prática - o conhecimento tácito - como a principal ferramenta para enfrentar as mudanças que as demandas do sistema educacional exigem. Sendo que, de acordo com Pimenta (2012), os próprios docentes são capazes de reconsiderar saberes, a partir de suas práticas e experiências, para que a identidade docente se fortaleça e reconfigure certos discursos e paradigmas acerca da profissão.

Em muitos espaços escolares, não se oportuniza situações para que ocorra uma formação significativa, que leve em consideração a experiência dos docentes para produzir novos conceitos. Para o processo de formação continuada ter sentido e potencializar a profissão docente se faz necessário a participação do coletivo, a investigação e reflexão acerca da realidade, a fim de pensar enfoques e aprendizagens profissionais que sejam relevantes para o contexto escolar e reconhecimento da profissão.



#### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Foi declamado aos professores o poema de Manoel de Barros, **Retrato do artista quando coisa**. Em seguida, leu-se a frase: “Eu penso renovar o homem usando borboletas”, para os professores fazerem uma sistematização acerca da seguinte pergunta: Em que você pensaria para renovar-se enquanto docente?

#### **Retrato do artista quando coisa<sup>5</sup>**

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.  
Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.

#### **4.2.2.3 3º Encontro: Formação e identidade**

##### 1ºMOMENTO: **Apresentação da proposta**

Este encontro teve por objetivo debater acerca da identidade docente e o processo de formação e constituição desta.

No processo de constituição de identidade dos professores como profissional, há uma desvalorização da própria classe que às vezes não se dá conta da importância do seu papel político e histórico na sociedade.

---

<sup>5</sup> Link para acesso: <<http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

Por isso, o encontro trouxe questões acerca de três charges para discutir a identidade docente diante das mudanças que escola vem enfrentando nos últimos anos. O que nos faz iguais e o que nos faz diferentes na docência em relação à profissão, à metodologia e à avaliação da aprendizagem escolar depende de vários fatores. Foram feitos questionamentos para levantar os fatores que interferem e causam transformações na constituição das identidades dos sujeitos.

## 2º MOMENTO: Apresentação da imagem

A primeira charge mostra a atitude do professor perante a turma, que ao ter a sala cheia, não consegue desenvolver sua aula, pois talvez não sobre tempo para as questões de aprendizagem. Incitará a reflexão também acerca das heterogeneidades que a escola apresenta no contemporâneo e a maneira como se conduz o ensino para todas as classes.

A segunda charge trouxe para a reflexão, as controvérsias que a profissão apresenta, com relação ao papel do professor e a terceira imagem apresentou subsídios para os questionamentos relacionados à avaliação da aprendizagem escolar e pensar na proposta do politécnico, na qual a escola tem como regimento.

Figura 2 - Enturmação



Fonte: Charge disponível em: <<http://apeoespbbedouro.blogspot.com.br/2011/07/charges-que-retratam-dura-realidade-dos.html>>. Acesso em 10 ago. 2016.

Figura 3 – Funções da docência



Fonte: Charge disponível em: <<https://fabiopereira.wordpress.com/tag/educacao/>>. Acesso em 10 ago. 2016

Figura 4 – Avaliação  
Aprovar aluno que não sabe nada  
**NÃO é SALVAR, é CONDENAR**



Fonte: <<http://sharllesguedes.blogspot.com.br/>> . Acesso em 10 ago. 2016.

3º MOMENTO: Levantamento de questionamentos

- Que imagens as charges revelam sobre a docência? Falar sobre cada uma.
- Qual é o papel do professor do Ensino Médio Politécnico na atualidade?
- Em sua opinião, de que forma a valorização da multiplicidade interfere na ação pedagógica em sala de aula?
- Qual a função do Ensino Médio Politécnico e de que forma sua ação pode contribuir?

#### 4º MOMENTO: **Discussão sobre o assunto**

A constituição de identidade acontece de maneira comunicativa e plural no processo de formação docente, que é contínuo. A forma como a sociedade vai se transformando e a rapidez que chega à escola, confunde e desestabiliza o modo de agir dos sujeitos.

Com as salas de aulas compostas de alunos de todas as classes e com uma diferença cultural neste século, tem interpelado o modo de agir dos docentes frente a situações que os deixam sem saber para que rumo seguir. A mudança que acomete o sistema educacional, que tem, muitas vezes, motivos políticos, tem trazido controvérsias com relação às metodologias de ensino e às práticas avaliativas na escola. Isto está contribuindo para a reconfiguração das imagens relacionadas aos docentes. A classe vem sofrendo com essa falta de reconhecimento há bastante tempo, por isso ouve-se tanto falar que o professor está perdendo sua identidade. Portanto, como reencontrar essa identidade? Que identidade é essa?

A crise na educação também tem contribuído para que a profissão entre em choque e se perca pelo caminho. Isto pode comprometer a construção dessa identidade o que ocasiona na desvalorização da profissão e confusão e equívocos com o papel que os professores desempenham. Para Gatti (2012) “(...) a identidade permeia o modo de estar no mundo”, ou seja, ela revela e distingue a função do profissional na sociedade, as atitudes e o modo de ser. Já na visão de Pimenta:

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como respostas a necessidades que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade (PIMENTA, 2012, p.19).

Por isso depende do contexto em que os sujeitos estão inseridos para se pensar o que a escola necessita. Acaba-se, muitas vezes, repetindo modelos que não cabem mais no atual sistema que rege o ensino, ou, também, deixam-se algumas atitudes que são primordiais para o processo de formação do professor.

As concepções de educação e suas práticas, as de ensino e papel profissional, estruturam-se definindo como as pessoas veem-se, estabelecem representações de si mesmo, dos outros e da sociedade. São sistemas de significação socialmente enraizados e partilhados que orientam e justificam as percepções, as atribuições, as atitudes e as expectativas (BARROS; MAZZOTTI, 2009, P. 168).

Portanto, a formação contínua para os docentes é fundamental para tratar das pluralidades que a profissão apresenta e encontrar em sua identidade a função que lhe é atribuída na sociedade.

#### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Os professores receberam a letra da música “Herdeiros da pampa pobre” composta por Gaúcho da Fronteira e Vaine Darde, que foi ouvida na versão gravada por Engenheiros do Hawai. Após, os professores escolheram em revistas três imagens que os identifiquem como docente para compor painéis em grupos. Puderam também utilizar frases e palavras. Para produzir os painéis foi colocada em pauta a seguinte pergunta: Mas que professor é este que eu represento agora? Será feito uma relação com a música e em seguida sistematizações respondendo a questão proposta.

#### **Herdeiros da pampa pobre**

Mas que pampa é essa que eu recebo agora

Com a missão de cultivar raízes

Se dessa pampa que me fala a história

Não me deixaram nem se quer matizes?

Passam as mãos da minha geração

Heranças feitas de fortunas rotas

Campos desertos que não geram pão

Onde a ganância anda de rédeas soltas

Se for preciso, eu volto a ser caudilho  
Por essa pampa que ficou pra trás  
Porque eu não quero deixar pro meu filho  
A pampa pobre que herdei de meu pai

Herdei um campo onde o patrão é rei  
Tendo poderes sobre o pão e as águas  
Onde esquecidos vive o peão sem leis  
De pés descalços cabresteando mágoas

O que hoje herdo da minha grei chirua  
É um desafio que a minha idade afronta  
Pois me deixaram com a guaiaca nua  
Pra pagar uma porção de contas ...refrão

Eu não quero deixar pro meu filho  
A pampa pobre que herdei de meu pai

Eu não quero deixar pro meu filho  
A pampa pobre que herdei de meu pai

#### **4.2.2.4 4º Encontro: Formação e alteridade**

##### **1 ºMOMENTO: Apresentação da proposta**

Neste encontro, foi proposta uma discussão sobre os processos de avaliação da aprendizagem escolar no Ensino Médio Politécnico que exige no contemporâneo o compartilhamento dos docentes para as tomadas de decisões com relação a estes.

Com isso, apresentaram-se questões para trabalhar sobre a alteridade tendo como subsídio o filme “Entre os muros da escola”<sup>6</sup>. Para a discussão, os professores receberam dois textos de Jussara Hoffmann (2013) “Respeitar primeiro, educar depois” e “Um passo pra frente e dois pra trás” e para enriquecer o debate foram trazidos outros autores que também tratam sobre a temática.

## 2º MOMENTO: **Apresentação da imagem**

Foi passado para os professores três momentos do filme. O primeiro em que acontece a chegada de um professor revoltado, na sala dos professores. Este professor faz xingamentos e desabafa sua indignação relacionada ao comportamento dos alunos na sala de informática. Diz que eles não querem levar nada a sério. Após mostrou-se outra cena do professor de Francês, em sua aula. Nesta cena o professor está ensinando os alunos aspectos gramaticais e se depara com alunos que tem muita dificuldade na leitura e na escrita e, também, com alunos que debocham de certas atitudes tomada pelo professor. Neste caso, o professor utiliza sua autoridade e com postura apropriada resolve a situação de comportamentos inadequados dos alunos em aula. A terceira cena do conselho de classe mostra algumas atitudes dos professores e dos alunos relacionadas às tomadas de decisões para definir a avaliação da aprendizagem escolar. Apresenta discordâncias entre os professores no momento em que devem decidir sobre a avaliação de um aluno, que é considerado polêmico na sala de aula. Coloca-se a situação em contraponto com algumas atitudes de incoerência de ambos os lados, assim, percebe-se que não há um respeito às diferenças encontradas naquele espaço.

Aos professores foi pedido que analisassem as falas dos docentes nas cenas do filme. Em seguida foram feitos os questionamentos abaixo.

## 3º MOMENTO: **Levantamento de questionamentos**

- Como estão as relações entre os membros da comunidade escolar, no filme? Em sua opinião, de que maneira isso influencia o cotidiano escolar?
- Por que há tantas divergências entre os professores na cena em que aparece uma reunião de conselho de classe?

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=mVRg7aeMJ2g> >. Acesso em ago. 2016.

- Na sua opinião, qual é o papel do professor frente a situação ocorrida na cena do conselho de classe?

-Você acredita que ainda há um controle da conduta docente? De que maneira isto acontece?

#### 4º MOMENTO: **Discussão sobre o assunto**

No ensino Médio Politécnico o que mais incomoda e causa alguns transtornos é a avaliação da aprendizagem escolar, pelo motivo de ter que trabalhar no coletivo para gerir este processo na escola.

O choque de opiniões e a pluralidade de crenças que se tem relacionadas à avaliação é um dos fatores que desestabiliza o processo. Segundo Hoffmann (2013) outro fator que impede, muitas vezes, que a avaliação seja um trabalho que deveria ser a favor tanto da aprendizagem dos alunos quanto do ensino, é o ouvir o outro, respeitar a palavra que o outro diz e suas concepções, se por no lugar do outro.

Aprende-se o novo pelo envolvimento próprio, individual. Aprende-se ainda melhor compartilhando novas experiências com os outros porque nos sentimos, fortalecidos, apoiados (é difícil pendurar quadros sozinhos). Mas, sobretudo, aprende-se ao “perceber o novo” como uma opção melhor (HOFFMANN, 2013, p.30).

Assim, o perceber-se no outro e o reconhecer este é respeitar quem irá apresentar suas concepções ou novas opiniões. Hoffmann (2013) menciona a importância da aceitação da diversidade, quando diz que é preciso “respeitar primeiro, educar depois”.

A fala da autora, mencionada anteriormente, fundamenta-se no princípio da alteridade, quando exprime que a aceitação do outro é a relação que sustenta o sujeito que permite este transcender. Para Arendt, a alteridade é “aspecto importante da pluralidade, a razão pela qual todas nossas definições, pela qual não podemos dizer que uma coisa é sem distingui-la de outra” (2014, p. 218).

#### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Os professores receberam a imagem a seguir com uma mensagem. Após, para as sistematizações, eles responderam as seguintes questões: Qual a relação da imagem com o que foi discutido anteriormente? Qual a importância



da alteridade para se pensar no processo de avaliação da aprendizagem escolar no Ensino Médio Politécnico?

**Figura 5 - Alteridade**



Fonte: Disponível em: <<https://raquelsanches.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em 10 ago.2016.

#### 4.2.2.5 5º Encontro: Formação e autonomia

##### 1º MOMENTO: Apresentação da proposta

O encontro levantou questionamentos acerca do exercício da autonomia. Para isto, foi apresentada uma cena do filme “Ao mestre com carinho 2”<sup>7</sup>. Para a discussão, teve como base o texto “Da Crítica à Negação da Razão Moderna” de Pedro Goergen, o qual trata sobre questões relacionadas à racionalidade humana e autonomia.

##### 2º MOMENTO: Apresentação da imagem

Na cena que foi apresentada aos docentes, mostrou uma discussão entre os alunos e o professor. Os alunos acreditam que pela situação social em que estão e também questões raciais são impedidos de conseguirem um trabalho digno e de conquistarem o respeito da sociedade. Eles revelam, através de suas falas, as crenças e concepções em que estão embebidos, não conseguindo enxergar outras possibilidades e o professor os coloca frente a situações que os fazem pensar de forma diferente.

<sup>7</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qZt8s\\_P\\_KxA](https://www.youtube.com/watch?v=qZt8s_P_KxA)>. Disponível em ago. 2016.

Ao levar os alunos para rua, o professor faz uma experiência, pede ao aluno branco que se aproxime de uma mulher que está na parada de ônibus para conseguir informações. Pela maneira como o aluno aborda a mulher, esta se assusta e dispara do aluno. Então, o professor chama um aluno negro para fazer outra abordagem, mas antes ele passa algumas instruções sobre como se expressar e agir com respeito e educação com as pessoas. Os demais alunos, ao observar, se surpreendem com o que estão vendo, pois o aluno ao pedir informações como o professor orientou obteve êxito.

### 3º MOMENTO: **Levantamento de questionamentos**

- No filme, o professor não aceita a condição mencionada pelos alunos e tira-os da sala de aula para fazer uma experiência. Você acha que podemos agir de outras maneiras que possam desacomodar um sistema. Que maneiras poderiam ser essas?

-Em sua opinião, no contemporâneo, o que impede o exercício da autonomia no contexto escolar?

- De acordo com a cena do filme, você, você acredita que a razão única pode ser desmontada? Por qual motivo? Que relação isto tem com o processo de formação?

-No ensino médio deve-se pensar a avaliação da aprendizagem no coletivo. Em sua opinião, como o sentido de autonomia se apresenta neste processo?

### 4º MOMENTO: **Discussão sobre o assunto**

O planejamento sistêmico que rege a escola e a sociedade – com falta de alteridade - não permite o exercício da autonomia para as tomadas de decisão. O modo como se vive no contemporâneo não permite que o sujeito, muitas vezes, pense de maneira crítica e mantenha seus ideais. Há máscaras que são colocadas para poder ter uma aceitação nos grupos que se está inserido e acaba prejudicando as ações.

No espaço escolar, por exemplo, percebe-se a insatisfação de muitos professores ao dizerem que não possuem autonomia, mas será que podemos ou sabemos utilizá-la? Ou utilizamos outros princípios, como o autoritarismo e própria vontade em certos momentos?

Goergen (2005) diz que com os tempos modernos – como a revolução industrial- a razão tornou-se técnica (instrumental). Ou seja,

o tipo de racionalidade que se revela na escolha dos meios mais adequados para realizar fins predeterminados. Estabelece-se uma conexão íntima entre racionalidade e eficiência empírica, ou seja, entre racionalidade e os meios técnicos adequados para atingir determinados fins. A racionalidade dos meios requer um conhecimento empírico, tecnicamente utilizável. A forma de racionalidade que passa a ser considerada científica, certa e segura, separa-se e distancia-se daquela outra vigente nas decisões práticas(morais) e estéticas que requerem a explicação e a consistências interior dos sistemas de valor para a derivação de atos de decisão (GOERGEN, 2005, p. 20).

Neste sentido a razão técnica promove a alienação do ser humano, no qual se torna passível de dominação. O movimento mecânico do pensamento acomoda e “coisifica” o sujeito, sem que seja possível utilizar a sua autonomia.

A autonomia, determinação e emancipação, de acordo com Adorno (2009), prevê a intervenção do homem no mundo, a fim de humanizar as divergências e destituir ideais impostos como certos e verdadeiros.

#### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Neste momento, os professores receberam papel ofício colorido para escrever uma palavra que represente o sentido da autonomia discutido anteriormente. Cada um teve que responder as seguintes questões: Por que você escolheu esta palavra? Como você a relaciona com o processo de ensino aprendizagem e de avaliação na escola? Após os professores fizeram as sistematizações.

#### 4.2.2.6 6º Encontro: **Formação e autoridade**

##### 1º MOMENTO: **Apresentação da proposta**

Este encontro teve por objetivo discutir algumas questões relacionadas aos princípios da autoridade com contribuição do filme “O sorriso de Monalisa”, de Mike Newell (2003), para direcionar os questionamentos e a discussão.

A autoridade no contemporâneo pode ter perdido o seu sentido. Já na modernidade, com os interesses políticos, o seu princípio de responsabilidade foi

confundido pelo do autoritarismo, caracterizado pela imposição de poder, segundo Arendt (2014).

## 2º MOMENTO: **Apresentação da imagem**

Foi aberto um debate sobre a cena do filme em que a professora está na sala de aula falando sobre uma obra de arte e chega uma aluna que havia faltado as aulas por um grande tempo porque havia se casado. A escola, da época dos anos cinquenta, liberava as alunas que se casassem por um período de tempo por considerar tal atitude pertinente, já que naquela época as moças estudavam para aprender a ser donas de casa.

A professora indignada com o ocorrido, pois era uma pessoa que lutava pelos direitos da mulher na sociedade, chama a atenção da aluna, sendo rígida com relação as suas faltas e comprometimento com os estudos. A aluna não concorda com essa atitude e afronta a professora quando diz que é um direito dela, pois o compromisso maior era com o casamento.

Após a cena foram propostos questionamentos sobre o uso da autoridade da professora naquela sala de aula para a discussão sobre a temática do encontro.

## 3º MOMENTO: **Levantamento de questionamentos**

- Que atitudes apresentadas na cena revelam o uso da autoridade pela professora?
- A professora deixa os alunos terem liberdade em sua aula? De que maneira?
- Há ocasiões em que a professora utiliza sua vontade própria no filme? Se sim, em quais situações acontece isso?
- Quais atitudes colocam em dúvida a autoridade do professor no contemporâneo?
- Em quais situações você acredita utilizar sua vontade própria? Por quê?
- Que atitudes você considera que sejam pertinentes ter na sala de aula no contemporâneo? Por quê?

## 4º MOMENTO: **Discussão sobre o assunto**

A palavra autoridade pode apresentar vários sentidos e causar divergências dentro do espaço escolar. Neste contexto, pouco se discute sobre

seu sentido e importância nas reuniões e espaços para debates. Fala-se muito que o professor está perdendo sua autoridade, mas que autoridade é esta?

Arendt (2007) traz uma abordagem acerca da autoridade, buscando seu sentido em Platão para compreendermos as mudanças de concepções que a sociedade faz com o termo. Para a autora, a autoridade pode ter “desaparecido no mundo moderno”, pois há confusões relacionadas à terminologia.

A relação autoritária entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder do que manda, o que eles possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito é legitimidade ambos reconhecem que na qual ambos tem seu lugar estável predeterminado (ARENDR, 2007, p. 129).

Para a autora, a autoridade pode ter “desaparecido no mundo moderno”, pois há confusões relacionadas à terminologia.

Podem-se constatar as controvérsias, nas tomadas de decisões, quando não se sabe, muitas vezes de que modo agir, e parte-se para o autoritarismo, que é a forma política do século passado de entender a autoridade.

Sua perda é equivalente a perda do fundamento do mundo, que, com efeito, começou desde então a mudar, a se modificar e transformar com rapidez sempre crescente de uma forma para outra, como se estivéssemos vivendo e lutando com um universo proteico, onde todas as coisas, a qualquer momento, podem se tornar praticamente qualquer outra coisa (ARENDR, 2007, p. 132).

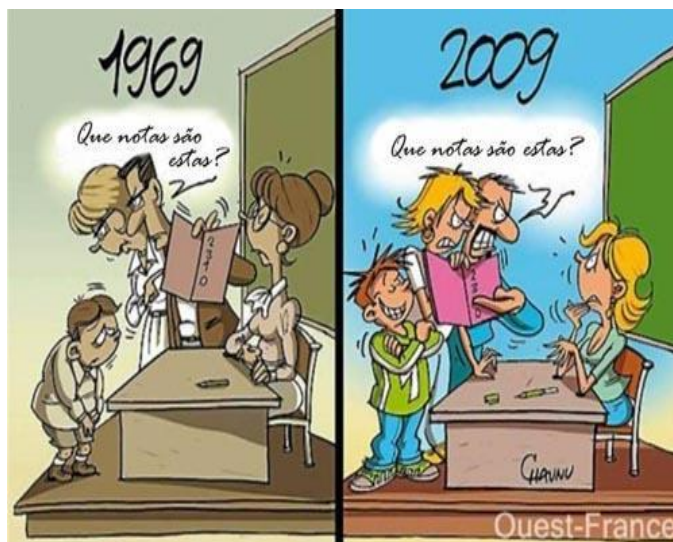
Ao contrário disto, para Hanna Arendt, a autoridade tem uma relação com a responsabilidade, capaz de tornar o ser humano apto para construir um espaço sociável, em que seja possível viver em um lugar adequado a todos e aos que futuramente virão fazer parte deste.

##### 5º MOMENTO: **Atividade de conclusão**

Aos professores foi apresentada a charge que mostra a inversão de atitudes relacionadas à avaliação da aprendizagem escolar e no sentido da autoridade, que foi discutido anteriormente. Os docentes foram instigados a falar sobre as representações de autoridade presentes na charge. Após, os mesmos dividiram-se em grupos e cada grupo pensou em uma sequência da charge, criando outra imagem interpretando a situação que se apresenta no momento.

Após responderem a seguinte questão Em sua opinião, porque o sentido de autoridade vem se modificando no contemporâneo? O que complica o exercício desta no Ensino Médio Politécnico?

**Figura 6 – Autoridade**



Fonte: <<http://3.bp.blogspot.com/ErT2QOnb16c/TZfSiX4ZjdI/aaaaaag/gslDQGJQwFk/s1600/Charge3.gif>>. Acesso em 10 ago. 2016.

### 4.3 Desenvolvimento dos encontros

Os encontros foram realizados no prazo e cronograma planejado. Os seis encontros aconteceram na sala dos professores, que é um lugar amplo e propício para realizar as intervenções.

Os professores estavam em sua maioria presentes em todos os encontros e permaneciam até o final. Por ter um número grande de professores, alguns não conseguiram falar durante os encontros, mas fizeram as sistematizações. Estes que não contribuíram com o debate, são mais reservados, geralmente, não falam muito nas reuniões que a escola organiza.

#### 1º ENCONTRO:

No primeiro encontro os professores ficaram um pouco acanhados logo no início, quando foram feitos os questionamentos. Uma professora, que normalmente fala nas reuniões e expõe suas ideias, foi quem começou o debate. Após, os colegas foram perdendo o receio e a discussão foi enriquecedora. Foi possível alternar as falas com o referencial proposto para o encontro. Os

professores ficaram envolvidos com a narrativa de Rancière, que permeou todo encontro. Estes participaram, em sua grande maioria.

A professora, que se propôs a iniciar a discussão, destacou primeiramente a mudança de atitudes e valores da sociedade e do reflexo disso nos alunos. Utilizou a seguinte expressão “não se ensina mais a pescar, entrega-se o peixe pronto ao aluno”. Ela fez essa analogia ao comparar com o que Rancière trata no texto levado para a discussão, ao dizer que o professor na história instigou os alunos a realizarem uma atividade, sem que lhes facilitassem a tarefa. Os ensinando a “pescar”. Assim a professora faz uma relação com a autoridade, ao dizer que “não se exige mais como se exigia antes”.

Neste sentido levantaram-se questionamentos acerca da avaliação da aprendizagem no EMP. Logo, outros professores enfatizaram esta problemática relacionando-a com paradigma que vivemos atualmente, uma sociedade capitalista que induz a um consumo excessivo. Alguns exaltaram a mídia como influenciadora dos discursos e atitudes das pessoas e que na época da narrativa era diferente. Um professor salientou que no Ensino Médio atual seria difícil ter êxito como Jacotot obteve em sua prática, após outros professores comentaram que seria possível, pois a ciência já está considerando alguns aspectos que naquela época não considerava, como a espiritualidade, por exemplo. Também enfatizam que tais mudanças poderão criar um novo paradigma.

## **2º ENCONTRO:**

Os professores começaram a discussão trazendo para o debate uma parte do documentário que apresenta a questão da escola pública, fundada na Prúcia, ter um fim que serve para manipular e dominar as pessoas. Estes relacionaram este modelo ao tempo atual, ao dizer que “a educação é proibida, pois não se consegue ir contra ao sistema. As coisas vêm de cima para baixo, não somos consultados nem ouvidos”. Os professores trouxeram como exemplo o regimento do Ensino Médio, que não foram aceitas as críticas e as ponderações feitas pelos professores na escola. “A SEDUCRS retornou com o plano de estudos várias vezes, sendo que só aceitou quando o plano de estudos da escola estava de acordo com o que eles queriam”. Ressaltaram que se tira disciplina, colocam outras, diminui horas de algumas, sem que haja consulta

com os professores e equipe diretiva. O Seminário Integrado é um componente que, os professores discutem muito, pois pensam que não precisaria ter três períodos semanais e comparam com filosofia e sociologia ter só um. Acreditam que estas últimas também são importantes. Além disso, não concordam com a inclusão do componente no currículo, a não ser que tivesse mais tempo para planejar com os demais professores.

Desta forma, os professores comentaram que não são considerados como profissionais, nem reconhecidos, por isso, as determinações são impostas. Outra consideração feita foi com relação às atribuições dadas à profissão, quando nomeiam um técnico de futebol e o chamam de professor. Os professores salientam que, “hoje qualquer um pode ser chamado de professor”. Outros professores comentam também acerca do próprio docente se valorizar, pois às vezes os discursos pode prejudicar a imagem dos mesmos.

Outra questão levantada foi acerca do ensino à distância, em que se formam professores e às vezes a escola percebe que este profissional não está apto para aquela função, muitos professores que tiveram estagiários, salientaram tal situação. Com isso, levantou-se também a importância do comprometimento dos professores e da cobrança da equipe diretiva com relação ao ensino e aprendizagem na escola. Neste momento, uma professora que faz parte da equipe diretiva falou que “já é difícil ter os professores todos os dias, para dar aulas, imagina para participar de espaços e momentos de discussão”. Outros comentaram que falta motivação, há muito cansaço e a falta de reconhecimento também contribui para isso.

### **3º ENCONTRO:**

Os professores começaram a falar da primeira charge, ao relacioná-la com os questionamentos propostos. No debate surge o fato de ter muitos alunos em sala de aula e fica difícil trabalhar a proposta do Ensino Médio Politécnico. Salientaram que “funcionaria se acontecesse em turno integral”. Outros professores que possuem carga horária baixa, como uma hora/aula por semana, disseram que é difícil contemplar o que o regimento exige, como a avaliação da aprendizagem, por exemplo. Ressaltaram que um professor precisa fazer milagres com poucos recursos. Também falaram acerca de que, hoje, a escola



tem muitos alunos e de todas as classes, além da inclusão de alunos especiais no Ensino Médio. Os alunos e os pais, muitas vezes são coniventes com situações que abalam o trabalho do professor. Como, ultimamente, o aluno acha que só em estar presente na aula, “passa”, ou só precisa fazer as tarefas e aprova. Caso reprove, “vem com tudo pra cima” achando que foi culpa do professor. Os professores ainda se questionavam com relação ao futuro: “a que ponto chegará se seguirmos alimentando essa situação? Que imagens serão passadas para a sociedade?”.

Grande parte dos professores acrescenta que, no contemporâneo, a identidade do professor está abalada, por fatores que influenciam diretamente na prática pedagógica, como a sociedade que quer “tudo para já”. Outro fator que salientam é a questão de a escola passar a ter um papel de solucionadora de problemas, pessoais, sociais, entre outros. Muitos queixam-se, pois não sabem realmente com agir e qual o seu papel frente a esta escola que está presente. Alguns acreditam que, por mais que tenham dificuldades, pode-se fazer um bom trabalho.

#### **4º ENCONTRO:**

Ao levantar os questionamentos, os professores apresentaram surpresa ao ver que uma escola na França, país europeu, tem problemas parecidos com os da realidade brasileira e da própria escola em questão. Uma professora salienta que em escolas particulares há cobranças maiores, pois os pais que colocam os filhos lá estão interessados em cursos nas universidades públicas. Enfatiza que na escola pública existe “pouca cobrança” por parte da equipe diretiva. Outro professor fala que a escola pública irá melhorar só quando os filhos dos políticos estiverem estudando nela, ou seja, o interesse de quem governa é o que também faz a diferença.

Ao trazer os professores de volta ao enfoque do filme para confrontá-lo com as situações relacionadas às atitudes tanto dos professores, quanto dos alunos e de seus pais, um professor ressalta a importância da alteridade humana e não a de classe, não só entre colegas ou alunos, mas, acima de tudo são pessoas. Muitas vezes, “não conseguimos dialogar em um conselho de classe, como mostra no filme também. As relações estão difíceis”. Outro colega

acrescenta que, no caso das cenas do filme, há uma “impotência do professorar” e nas relações com os pais. Dá o exemplo do filme em que o menino é expulso e a mãe diz que não tem como colocar o filho em outra escola. “Alguns ainda pensam que expulsar ou trocar o aluno de escola é punição, seria sim para os pais”. Um professor ressalta que desta forma é mais fácil, a exclusão, pois livrar-se do problema é a saída mais fácil. Este ressalta que há falta de cobrança de todos os lados e de responsabilidade.

Cada docente tem suas concepções acerca da avaliação, do que se deve levar em consideração, por isso o embate de ideais acarreta tanta divergência e deve-se pensar no que é importante para a aprendizagem do aluno. Ainda o mesmo professor diz que não é a avaliação que determina se o aluno pode ou não pode, ela é um guia para poder se adequar e melhorar, além disso “devemos entender qual é o motivo da avaliação.

Já alguns, acrescentaram que se o coletivo estiver unido, pode-se dividir angústias e tentar sair de uma situação ruim. Há um mal estar na sociedade e a escola não é garantia de que os alunos poderão “se dar bem”, pois se formam e não sabem o que vai ser e aonde vai dar essa formação. A mídia só apresenta coisas ruins com relação a vários setores, além disso, vê-se um mundo pessimista em que o contexto é culpado, problemas de salário, violência, saúde...

## **5º ENCONTRO:**

Os professores iniciaram o encontro instigados a responder as questões: Como preparar para o exercício da autonomia se os alunos não conseguem ler e escrever, eles não conseguem interpretar? Como vão compreender Geografia, filosofia e as demais disciplinas?

Neste sentido, retornam a questão da exigência dos professores com relação aos alunos, no sentido de realizar as atividades e das avaliações. Alguns professores reclamaram acerca do fato de, os alunos, terem muita “regalia”, pois eles têm direitos a várias recuperações e, com isso, sabem que vão passar. Já outros professores discordaram falando que devemos tentar resolver com o coletivo dos professores, já que os conceitos atribuídos aos alunos são por

áreas do conhecimento. Um professor salienta a preferência pelas notas como acontecia antes da implementação do EMP.

A discussão acerca do que foi relatado anteriormente foi extensa e ao tentar retomar às questões propostas para o encontro, um colega disse que acredita ser difícil desmontar uma razão imposta, mas o que importa são os minutos que se está em sala de aula e deve-se esquecer um pouco se o aluno irá aprovar ou não. “A avaliação é importante, mas devemos nos preocupar mais com o ensino”.

As respostas apontam para a dificuldade do exercício da autonomia pelos professores, por conta dos interesses da sociedade e do sistema. E com relação a avaliação da aprendizagem, alguns concordam que não se pode fugir dela e intensificam que a escola tem um regimento a ser seguido. Assim, salientam que “não podemos deixar de exigir do aluno” e os discursos que circulam os confundem e isso atrapalha também o trabalho em sala de aula. Levantaram-se questões acerca das metodologias. Cada professor exige de uma forma, uns cobram caderno, leitura e apresentação de trabalho na aula. Uma professora ressaltou que há controvérsias, que não se pode comparar uma disciplina com outra. “O professor de Língua portuguesa, matemática e química, por exemplo, vão ser sempre os carrascos, pois sempre fazem prova e são as disciplinas que os alunos mais reprovam”. Alguns professores mencionaram que trabalhar o exercício da autonomia vai. Deve focar na conscientização dos alunos com relação ao que aprenderam.

## **6º ENCONTRO:**

Ao dar seguimento aos questionamentos, os professores focalizaram a postura da professora nas cenas do filme. Eles salientaram que a professora mantém sempre a serenidade e o mesmo tom de voz, mesmo quando as alunas a confrontam. Assim, eles disseram que ela manteve a autoridade sempre, pois demonstrou que ela tinha propriedade dos conteúdos de sua disciplina ao ter que reverter a situação em que as alunas sabiam todo conteúdo programático e utilizaram isso para intimidá-la. Alguns professores ainda relacionaram a autoridade com as regras exigidas pela professora. Outra professora enfatiza a

sabedoria da professora em mudar o que estava previsto e tornar a aula interessante. “Ela mostra ali o seu papel e, ainda, apresenta uma situação que desestabiliza as alunas e mostra que nem tudo que parece certo é realmente certo”.

Um professor falou que é raro acontecer atualmente o que aconteceu no filme, pois era uma sala de aula composta com alunas da elite, é difícil ter salas de aula com alunos que esteja com o conteúdo “na ponta da língua”. Ele salienta que o aluno que usa do conhecimento para afrontar o professor não é o pior, pior para ele é o que não questiona nada, que cala e até dorme na sala. Neste sentido, outros professores falam da relação de poder, assim como tem o aluno que pode afrontar, tem o professor que nem deixa o aluno respirar na aula, para não ser questionado. Isto sim, se chama autoritarismo.

Para os professores, o que compromete o exercício da autoridade no Ensino Médio é estar subordinado a um programa e a um contexto que os impede de ter autonomia nas decisões. Utilizaram o discurso que se repetiu em quase todos os encontros, “promover o aluno sem que tenha aprendido o que se esperava”. Ainda acrescentaram a pressão dos pais em cima do professor com relação a avaliação realizada na escola e outra professora enfatizou que se o professor cumpriu com seu papel e tem seus objetivos com clareza, não terá o que temer. Uma professora desabafa com relação à pressão que os alunos fazem e diz que essa é maior que a dos próprios pais. Ela afirmou que se sente intimidada por muitos alunos no final dos trimestres e que os alunos que precisavam realizar o PPDA disseram que não iriam fazer, pois ela constataria a aprovação deles. Na visão dela, o professor não possui mais autoridade. E, muitos colegas concordaram com a afirmação e ainda salientaram que o sistema que rege a escola também não permite o exercício desta.

Os professores apresentaram muitas dúvidas em relação ao uso da autoridade, quando mencionaram que não sabem mais o que pode e o que não pode em uma sala de aula. Trouxeram questionamentos acerca da legislação e sugeriram até a visita de um promotor de justiça para esclarecer o ECA. Ainda acrescentaram que o estatuto foi criado para indivíduos que vivem numa sociedade consumista e o mundo impõe um conhecimento em curto prazo.

“Tudo é resumido pelo Google e os alunos acham que não precisam de nossas explicações para nada”, comentou uma professora.

Após a apresentação da charge, um grupo de professores sugeriu uma nova imagem com a professora sentada e os alunos em cima dela cobrando um bom resultado no fim do trimestre, pois ressaltaram que muitos alunos não admitem não ter um resultado satisfatório ao questionarem que fizeram tudo na aula, ou até mesmo porque não faltam. E, além disso, os pais não estão mais presentes como eram antes. No entanto, um professor apresenta uma ideia que disse ser utópica, mas que considera possível: “Daqui a uns vinte anos, vejo todos na charge, de pé, se perguntando o porquê daquele resultado”.

Alguns professores esperam que “dessa crise que está a sociedade em geral, saia um novo paradigma, para que reverta e melhore as relações”.

#### **4.4 Avaliação da intervenção**

A avaliação da intervenção ocorreu por procedimento qualitativo, no qual, segundo André (1983), são representações aproximadas do contexto da pesquisa, da realidade em que esta acontece. Por isso, o pesquisador é o agente fundamental para a investigação, a confiança está direcionada para ele, quando coloca suas interpretações a frente do que será analisado.

Este processo aconteceu ao longo dos encontros, por meio da observação participante e do diário de campo. Também, foram analisadas as escritas dos professores ao final de cada encontro.

Para avaliar os efeitos das interferências de uma intervenção pedagógica, de acordo com Damiani et al., (2013), se faz necessário descrever os instrumentos para coleta de dados e posteriormente a análise destes. Estas descrições serão apresentadas nos próximos itens.

##### **4.4.1 Instrumentos da coleta de dados**

Os instrumentos da coleta de dados foram utilizados em todos os encontros, pelo motivo de cada um ter uma temática diferente e por necessitar

de acompanhamento e avaliação. Por isso, os instrumentos foram: a) observação participante; b) diário de campo e c) as escritas feitas, pelos sujeitos, ao final de cada encontro. A seguir apresenta-se a abordagem acerca de cada um.

#### **a) Observação**

A observação participante foi importante, pois “(...) obtém informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (GERHARDT et al., 2009, p.75). E, além disso, pode-se conseguir informações que não se alcança por meio de perguntas, simplesmente.

A observação participante foi utilizada em todos os encontros realizados foram divididas pelas temáticas no diário de campo. As anotações foram feitas no término de cada encontro

#### **b) Diário de campo**

Optou-se pelo diário de campo que serviu para anotar o que foi observado nos encontros. Este instrumento colaborou para o acompanhamento e a avaliação da intervenção realizada na escola. Neste diário constam as descrições dos encontros e reflexões acerca do que foi discutido com os professores. Segundo Bogdan e Biklen (1994) são dois aspectos que compõem as anotações: descritivos e reflexivos. Nos aspectos descritivos, como o termo já diz, se descreve acerca dos participantes, as discussões, o espaço em que acontecem os encontros, as atividades realizadas e sobre o comportamento do pesquisador/observador. Além disso, “essas questões servem para aumentar a curiosidade e para alargar a amplitude da sua visão” (p. 163).

Os aspectos reflexivos objetivam melhorar o estudo e evoluir no processo de acompanhamento e análise da pesquisa.

#### **c) Escritas dos sujeitos**

As escritas dos professores foram importantes tanto para os sujeitos participantes da pesquisa – que puderam elaborar de forma mais pessoal e reflexiva as atividades realizadas a cada encontro -, quanto para esta proposta de intervenção, pois estas foram qualitativamente compreendidas depois, no processo de análise de dados e da elaboração do relatório final da intervenção. Para Bogdan e Biklen (1994, p. 176), estes recursos “(...) servem como fontes de férteis descrições de como as pessoas que produziram esses materiais pensam

acerca de seu mundo”. No caso desta intervenção, as sistematizações dos participantes possibilitaram analisar como os docentes pensam acerca de sua profissão e de seu papel no contemporâneo. Além disso, possibilitou entrelaçá-las com as discussões realizadas nos encontros.

#### **4.4.2 Análise de dados e repercussões**

Para analisar os dados foi utilizada a análise textual discursiva. Foi escolhida esta abordagem pelo motivo de que a pesquisa é de cunho qualitativo e ter como pressupostos a dialética negativa. Neste sentido, de acordo com Moraes e Galiazzi (2006), este tipo de análise, apesar de ter procedimentos a serem seguidos, é aberta e permite a “(...) (re)construção dos caminhos” (p, 120). Este procedimento percorre por caminhos incertos, mas que possibilitam liberdade para escolher o que considera pertinente para a pesquisa. Assim, na análise textual discursiva

exige-se do pesquisador mergulhar em seu objeto de pesquisa, assumindo-se sujeito e assumindo suas próprias interpretações. Nesse movimento hermenêutico são solicitadas constantes retomadas do concretizado, visando a permanente qualificação dos resultados (MORAES; GALIAZZI, 2006, p.122).

Portanto, o procedimento indicado, por este tipo de análise, é a construção de categorias emergidas dos dados colhidos durante a pesquisa. Segundo Moraes (2003), através da desmontagem de textos, ou seja, da desorganização e desconstrução dos materiais coletados, surgem categorias com o objetivo de reorganizar os textos, os fragmentos e conceituá-los a partir de novas compreensões. Neste sentido as categorias emergidas foram duas: Discursos acerca da docência e discursos acerca do Ensino Médio Politécnico. Da segunda categoria emergiram duas subcategorias: a) a autonomia no espaço escolar e b) a autoridade no espaço escolar.

#### **1-Discursos acerca da docência**

Ao analisar as falas e as escritas nota-se a confusão que se criou com relação ao papel do professor no contemporâneo e as angústias que estes possuem ao discutir acerca de sua função. Muitos se consideram cansados e

não sabem mais como agir em determinadas situações, que alguns anos antes não havia como problemas relacionados ao sistema educacional, ao comportamento dos alunos, da sociedade em geral:

*Não sei ainda lidar nesse novo contexto, onde o processo de ensino e aprendizagem não se dá mais do professor para o aluno, e nem, a meu ver, do aluno. A sociedade capitalista e consumista atual produz uma sala que reproduz os conceitos, os valores éticos da sociedade imediatista.*

*A nossa imagem hoje está sem um papel definido. Não sabemos como lidar no embate entre políticas públicas de ensino, nossos valores e o medo de não estarmos cumprindo o nosso dever de ensinar os conteúdos e obter resultados positivos.*

*Hoje passo por um período de incertezas e frustrações. Não sei mais se entendo a tarefa docente como antes, em que eu acreditava que podia inspirar meus alunos a construírem sua aprendizagem através da minha mediação.*

Esta dúvida trazida pelos professores acerca do papel da docência é referenciada ao que Boufleuer (2013) trata a respeito da crise da profissão docente em função do papel que o professor exerce na sociedade. Isto pelas demandas que o contexto social envolve, como por exemplo, problemas relacionados à saúde e violência. Assim “espera-se que ele dê conta de todas as variáveis capazes de interferir na educação de seus alunos” (p. 398).

São vários fatores levantados pelos professores que complicam as atribuições que estes acreditam que não conseguem cumprir. Os discursos recorrentes apontam para uma insatisfação profissional e desmotivação por conta das mudanças na sociedade como indica a seguir:

*A sociedade atual tem sofrido muitas alterações. Drásticas, severas, levam o sujeito a adaptar-se a sua realidade diariamente. Por essa razão, a docência passou a ser um caso de profunda análise, visto que a dicotomia entre a realidade que se vive e o que é proposto a ser feito, mostra um grande abismo.*

*Quando converso com os demais colegas percebo uma grande vontade de transmitir conhecimento e contribuir para a formação dos jovens envolvidos nesse processo, mas em paralelo acabo*



*visualizando uma grande frustração por parte da maioria, por não atingir este objetivo.*

*O docente passa a conviver com a busca e os métodos exigidos e a falta de inspiração para cumpri-los, já que o desencanto e as frustrações sobrepõem-se ao fazer.*

Percebe-se, nas falas e escritas, discursos que necessitam de reformulações dentro da escola. Apresentam-se dúvidas em relação ao método a ser utilizado em um novo contexto, como no EMP. Neste sentido, Arroyo (2013) compara o professor com um cata-vento, ao dizer que ele “gira à mercê da última vontade política ou da última demanda tecnológica” (p.24). Verifica-se isto, nas falas dos professores, recorrentes em quase todos os encontros propostos pela intervenção e, também, nas escritas: “Represento o sistema de educação estabelecido neste período, estrutura política e social”; “represento uma classe frustrada e o sistema educacional faz com que percamos nossa própria motivação” e “sou um professor que tem desejo de ajudar na construção de uma educação melhor, mas que muitas vezes se vê impotente diante das dificuldades impostas pelo sistema”.

Assim, de acordo com Arroyo (2013), para que possamos nos desprender desta imagem como cata-ventos, na qual quem assopra os ventos são um sistema ou um paradigma econômico, pedagógico e político, como a maioria dos professores constata, precisariam unir forças e decidir que rumo dar aos ventos que redefinirão o papel do professor. Estas forças encontram-se no coletivo dos professores em pensar quais métodos serão importantes para a aprendizagem e emancipação dos alunos. De acordo com Rancière (2002) para querer emancipar alguém, antes se faz necessária a própria emancipação.

Outra afirmação levantada pelos professores é a mudança de valores apresentados pela sociedade, como faz uma professora ao mencionar que “atualmente não ensinamos mais o aluno a pescar e entregamos o peixe pronto”. Então foi questionada essa assertiva e, por conta deste comportamento, os professores mencionam que estão deixando de exigir como exigiam antes. Outros professores destacam que os frequentes conflitos no ambiente escolar, influenciados fortemente por valores invertidos da sociedade atual, os tornam vulneráveis ao tempo, assim sua identidade também. E, por vezes, se faz

necessário refletir acerca da importância do professor no processo educacional contemporâneo.

## **2-Discursos acerca do Ensino Médio Politécnico**

Pensar o EMP acarreta falar de incertezas e divergências. Um assunto que permeou bastante os encontros foi relacionado à avaliação da aprendizagem escolar. Os professores levantavam essa temática por conta da maneira como se trabalha com este procedimento atualmente. Alguns acreditam que o comprometimento dos alunos com relação aos estudos diminuiu depois da implantação do Politécnico na escola. Estes enfatizam que por conta de o currículo estar dividido por áreas do conhecimento, facilitou a aprovação dos alunos ao longo dos três anos do Ensino Médio. Um professor, várias vezes, traz o seguinte comentário: “eu preferia como era antes, cada um na sua matéria”.

A maioria dos professores acredita que a identidade docente vem se reconfigurando por conta disto, quando afirma que “não se cobra mais dos alunos como antes”; “o ensino médio politécnico oferece várias oportunidades sem grandes cobranças, mas o aluno não aproveita” ou “facilitamos nos instrumentos de avaliação, como, por exemplo, o PPDA que pedimos um trabalho de pesquisa ou damos trabalho para casa”. Desta situação alguns professores das áreas das exatas e das ciências da natureza interferem ao dizer que “mas eu não dou trabalho eu faço prova, se não passar vai ter que tentar recuperar no fim do ano, isso que não cobro como antes, senão ninguém passaria”. Outros professores ainda salientam que eles escolhem em qual área irão se dedicar mais, acrescentam, ainda, que, muitas vezes, se sentem frustrados pelos alunos que os confrontam com tal situação, ao dizerem que vão “passar”. A equipe diretiva, sempre ressaltava a importância do professor se comprometer com sua disciplina e às vezes criticava questões relacionadas aos métodos dos professores ao dizer que “sabemos que temos professores agindo de forma incoerente na sala de aula, que falta muito, e no final da CSA para todos os alunos ou não trabalha bem o conteúdo e faz provas difíceis. Como o professor quer ter autoridade se não tem responsabilidade”. Percebe-se nas falas dos professores e equipe diretiva discursos que apresentam controvérsias que, a avaliação provoca no contexto escolar. Em suas escritas, os professores revelam e, muitos, são conscientes acerca destas divergências. Neste sentido, é

pertinente o que Hoffmann (2013) e Hardt e Dozol (2014) apontam, ao enfatizar que pensar a avaliação não é fixar padrões, mas tentar produzir efeitos positivos.

Nas discussões dos encontros e nas respectivas escritas também permeiam os discursos, alguns equívocos relacionados à autoridade e autonomia dos professores. Assim, muitos professores consideram que pensar a avaliação da aprendizagem no EMP pode ter influenciado de forma negativa o exercício destas. Isto nos refere ao que Adorno (1995) salienta quando trata a respeito dos tabus acerca da profissão docente. Estas discussões serão apresentadas a seguir.

#### **a) A autonomia no espaço escolar**

Com relação à autonomia, ao refletir no que os professores discutiram nas reuniões muitos a associam com a autoridade e, também, com a forma como se trabalha na sala de aula, principalmente com a avaliação da aprendizagem, pois apontam que o aluno sabe das chances de recuperar o que não fez durante o trimestre e no fim do ano, além de salientarem que não conseguem ir contra o “sistema”, no caso, agora, o EMP. Estes têm uma preocupação com os métodos de organizar a avaliação, por conta da falta de autonomia, mas compreendem que é possível o exercício desta, mesmo apresentando entendimentos divergentes quanto ao seu sentido. Ao mesmo tempo em que eles a confundem com a autoridade e o autoritarismo, quando ressaltam dificuldades em exercitar a autonomia por conta do mau comportamento dos alunos e da inversão de valores na sociedade.

*O exercício da autonomia no contemporâneo é possível, desde que o professor imponha essa autonomia através de atitude e postura perante os discentes no cotidiano, na sala de aula. O professor no Ensino médio Politécnico poderá exercer sua autonomia através de exemplos positivos, que possam resgatar valores e aos poucos conquistar espaço para que os alunos sigam os passos dos professores.*

*É possível o exercício da autonomia. O professor deve demonstrar sua postura cumprindo as exigências que a profissão lhe faz e exigindo do aluno o cumprimento das práticas solicitadas assim como todas as coisas inerentes ao discente como participação, pontualidade, responsabilidade e conduta compatível com a situação.*

*É possível colocando critérios para limites de comportamento dentro da escola. O professor deve ser capaz de mostrar competência no conhecimento da disciplina, também tendo uma postura de autoridade dentro da sala de aula. Dignidade se conquista e traz autonomia.*

Alguns professores reclamarem que não possuem mais autonomia nem com avaliação, nem na sala de aula e nem nas tomadas de decisões, ao levar para discussão, teóricos que contribuísem com os ponderamentos, foi percebido ao longo dos debates, algumas repercussões no sentido de problematizar algumas afirmações ambíguas e que podem influenciar as práticas docentes. Isto se apresenta tanto nas falas, quanto nas escritas e nas conversas que permeavam os encontros como vemos a seguir:

*Acreditamos que seja viável o exercício da autonomia no mundo contemporâneo. Afinal, como professores, devemos ter liberdade em exercê-la em nosso convívio. Podemos exercitá-la em nosso dia a dia através de uma prática diária e consciente, do diálogo constante e do resgate da autoridade como profissionais competentes e engajados.*

Dessa forma é possível que se busque feitos que colaborem para um trabalho reflexivo e participativo entre os professores, assim como salienta Pimenta (2012) ao dizer que é necessário munir os docentes de perspectivas e os conscientizar da responsabilidade de seus atos. Para isto, é fundamental esclarecimentos que desmontem discursos que apontam para uma repetição de falas e atitudes que são passíveis de dominação e que não contribuem para que se tenha resultados positivos no processo de formação, como apontam Adorno (2009); Boufleuer e Fensterseifer (2010) e Pucci (2007).

#### **b) A autoridade no espaço escolar**

Ao buscar nas discussões dos encontros e escritas dos professores questões acerca da autoridade, alguns apontam que o EMP contribuiu para a perda desta no ambiente escolar: “O que complica o exercício da autoridade no Ensino Médio Politécnico, são entre outros pontos, o esclarecimento das normas que regem a educação”; “a autoridade vem se modificando por razões das relações de poder, impostos pelo novo sistema” e “o Ensino Médio politécnico facilita muito aprovação dos alunos, sem exigir muita responsabilidade, isto

complica o exercício da autoridade na sala de aula”. Mas, o que se sobressai é o comportamento da sociedade no contemporâneo ao ressaltarem que o que complica o exercício da autoridade no contemporâneo é a falta de coerência e respeito entre os agentes do processo educacional, “a falta de noção de autoridade na família e a transferência desta responsabilidade para a escola”. Assim muitos acrescentam que se perdeu a autoridade em vários sentidos, o professor na sala de aula, nas tomadas de decisões dentro da escola, dos pais com os filhos e em vários âmbitos das relações sociais. Isto se refere à maneira de entender a autoridade, por isso esta vem extinguindo-se como afirma Arendt (2007).

Também surgiram questionamentos relacionados às leis que estabelecem direitos e deveres aos alunos, como o ECA por exemplo.

*A partir da criação de diversas leis na sociedade, visando proteger as crianças e adolescentes, fizeram com que os professores fossem, ao longo do tempo, temendo ou ficando receosos de exercer sua autoridade e é por isso que hoje, infelizmente, convivemos com muitas dificuldades para a prática docente.*

Neste sentido, muitos professores culpam a sociedade e a mídia por destorcer conceitos que dificultam a atividade docente, mas alguns discursos apresentam também as divergências quanto ao objetivo da legislação. Nota-se que faltam esclarecimentos e informações a respeito disto.

#### **4.4.2.1 Repercussões**

Pode-se afirmar que a proposta de intervenção realizada no CESVP foi importante para a reconfiguração de imagens e discursos que envolvem os professores. Ao término dos encontros era possível observar a satisfação dos docentes em participar e envolver-se com as discussões propostas. Estes comentavam “nossas reuniões pedagógicas deveriam ser assim”; “precisamos de encontros assim para debater questões que são importantes para o ensino” e “temos que fazer reuniões assim no ano que vem”.

Além dos professores reivindicarem por reuniões no sentido das que foram realizadas pela intervenção, percebia-se algumas incertezas e

inquietações que circulavam em conversas paralelas. Destas conversas ouvia-se: “será que estou agindo certo”; “temos que nos encontrar mais para falar da avaliação, pois não sabemos se agimos de forma coerente” e “tem coisas que falamos que pode contribuir para uma prática inadequada, precisamos sentar mais e discutir sobre tudo isso”. Muitos professores traziam questionamentos e dúvidas que demonstravam interesse em rever certas divergências com o coletivo.

Apontar a importância da alteridade para o exercício da autonomia e da autoridade trouxe outras perspectivas. A equipe diretiva sugeriu que as reuniões que aconteceriam até o fim do ano letivo fossem para discutir acerca da avaliação da aprendizagem e, que os professores compartilhassem suas ideias e sugestões, para o novo ano letivo. As reuniões aconteceram e foram enriquecedoras, afim de que se organizasse um trabalho colaborativo e importante para a interdisciplinaridade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar à problemática da pesquisa “Em que medida o Ensino Médio Politécnico atravessa o professor, de modo a produzir imagens e autoimagens da docência?” constata-se que este regimento colocou os professores em situações que precisam da coletividade ao pensar a avaliação por áreas do conhecimento. Neste sentido a intervenção contribuiu para que se problematizasse isto nos encontros, que se pensasse na importância de cada componente curricular e também sobre quanto o trabalho interdisciplinar e colaborativo é importante para a prática pedagógica de sala de aula, no exercício da autonomia e da autoridade.

Com o trabalho percebeu-se o quanto a avaliação da aprendizagem escolar no Ensino Médio Politécnico pode mexer com a identidade docente, quando muitos docentes apontaram que, por conta desta, não se exige ou não se age como antes da incorporação do novo regimento escolar.

A intervenção foi realizada no segundo semestre de 2015, pela pesquisadora (professora-mediadora) que faz parte do corpo docente da escola participante. Esta pesquisa intervencionista trouxe novas perspectivas para a pesquisadora e para o contexto do EMP no Colégio Santa Vitória do Palmar.

O pensar no outro, também faz parte do eu (AREND, 2014), num movimento dialético proposto por Adorno (2009) e subsidiado pelo referencial teórico discutido na pesquisa, trouxe aportes importantes para a pesquisadora construir e realizar os encontros da intervenção. Pensar no exercício da alteridade foi um fator que colaborou para que estes tivessem um bom desenvolvimento e sua realização satisfatória.

A pesquisa mostrou que os professores não conseguem trabalhar de forma compartilhada, um passo fundamental para poder discutir, estudar e tentar resolver questões pertinentes para aquele contexto. Em segundo, os discursos necessitam, também, de reconfigurações, pois se apresentavam equívocos entre os pares atuantes daquela etapa de ensino, em relação às metodologias de ensino.

Constatou-se, também, que as angústias e incertezas dos professores da escola que ocorreu a inserção social são parecidas com as dos professores que participaram desta pesquisa, as quais foram apontadas na avaliação da

intervenção. Com esta inserção, proposta pode-se levar problematizações acerca desta pesquisa e compartilhar com os professores da escola de Jaguarão as discussões trazidas pelo referencial teórico. Além disso, também contribuiu para pensar nas imagens e autoimagens (re)configuradas pela docência no contemporâneo.

Com esta pesquisa e intervenção pode-se constatar que as imagens e autoimagens da docência diante do Ensino Médio Politécnico são pluriculturais quando problematizadas com os professores. Tanto pelo novo sistema de ensino proposto, quanto pelas mudanças comportamentais da sociedade. Por isso, há controvérsias com o sentido da autonomia e autoridade na escola.

Portanto, de acordo com Hoffmann (2013), as mudanças significativas acontecem “solidariamente”, quando engloba a partilha das experiências e a reflexão em grupo. Assim, também se faz necessário o compromisso dos gestores: “o de mobilizar os docentes à discussão de suas práticas e concepções bem como o de mediar a construção de novos saberes” (2013, p. 32).

O trabalho desenvolvido no CESVP possibilitou que os professores discutissem e escrevessem acerca das problematizações propostas pela intervenção. Além de sugerir questionamentos que instigasse os professores e equipe diretiva a pensar no que seria discutido nas próximas reuniões pedagógicas, como por exemplo, a avaliação da aprendizagem escolar.



## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. (1985), **Dialética do Esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Dialética negativa**. Tradução: Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Tabus acerca do magistério. In: \_\_\_\_\_. **Educação e Emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, p. 97-117. 1995.

ALBUQUERQUE, Fernanda Medeiros de, GALIAZZI, Maria do Carmo. A formação do professor em Rodas de Formação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago. 2011.

ANDRÉ, Marli Eliza A. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 45, p. 66-71, maio. 1983.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa. 6. ed. –São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução Roberto Raposo. 12. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 14. Ed. – Petrópolis Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BARROS, Carmen Lúcia Souza; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Profissão docente, uma instituição psicossocial. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v. 35, n. 1, p. 186-176, jan/abr. 2009.

BRASIL. Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB – **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> Acesso em: 25 jan 2015

BOGDAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 1994.

BOUFLEUER, José Pedro. A profissão professor – crise de profissão ou profissão em crise. **Línhas Críticas**, Brasília, DF, v. 19, p. 391-408, mai./ago. 2013.

\_\_\_\_\_.; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. A re-configuração da dialética pedagógica com vistas a uma formação emancipadora. **Currículo sem Fronteiras**. V. 10, n. 2, p. 259-267, jul/dez. 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/janeiro-2012-pdf/9864-rceb002-12>> Acesso em: 10 jun de 2016

CAMPOS, Silmara de; PESSOA, Valda Inês Fontenele. Discutindo a formação de professoras e de professores com Donald Schön. In:GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D; PEREIRA, E. M. A. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente: professor (a) pesquisador(a)**. Campinas: Mercado das Letras/ALB, 1998.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

DAMIANI, Magda Floriana et al.,. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas, n. 45, p. 57 - 67, jul./ago. 2013.

DRABACH, Neila Pedrotti. MOUSQUER, Maria Elizabete Londero. Dos primeiros escritos sobre administração no Brasil aos escritos sobre gestão escolar: Mudanças e continuidades. **Currículo sem Fronteiras**. V. 9, n.2, p. 258-285. Jul/Dez, 2009.

GRUPO CONTRAPSIOLÓGICO “ESQUICIE”. Imagens da alteridade ou a necessidade de relacionar-se com o outro. In: LARROSA, Jorge; LARA, Núria Pérez de. (Orgs.). **Imagens do outro**. Tradução de Celso Mário Teixeira. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FISCHMAN, Gustavo E; SALES, Sandra Regina, Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras?. **Revista brasileira de Educação**. V. 15, n. 43, jan./abr. 2010

GARCIA, Maria Manuela Alves; Hypolito, Álvaro Moreira; VIEIRA, Jarbas Santos. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

GATTI, Bernadete A. Reconhecimento social e as políticas de carreira docente na educação básica. **Cadernos de pesquisa**. V. 42, n. 145, p. 88-111, jan/abr, 2012.

GEHARDT, Tatiana Engel et al., In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. Ed. Revista – Campinas/SP : Autores Associados, 2005.

HARDT, Lúcia Scheneider, DOZOL, Marlene de Souza. Entre metades e inteiros: A docência e a avaliação. **Olh@res**, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 109-123. Maio, 2014.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois**. 6. ed. – Porto Alegre: Mediação, 2013.

LÜCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

\_\_\_\_\_; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: Processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NÓVOA, António. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan/jun. 1999.

\_\_\_\_\_. **Professor: imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PARO, Vitor Henrique. Estrutura da escola e educação como prática democrática. In: CORREA, Bianca Cristina, GARCIA, Teise Oliveira (Orgs). **Políticas educacionais e organização do trabalho na escola**. São Paulo: Xamã, 2008.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Os professores e a sua formação**. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997

PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PUCCI, Bruno. Anotações sobre teoria e práxis educativa. In: PUCCI, Bruno; GOERGEN, Pedro; FRANCO, Renato. (Orgs). **Dialética negativa, estética e educação**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2007.

PUCCI, Bruno. **GT Filosofia da Educação – ano 20**: contribuições da teoria Crítica da sociedade. 2000. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/sites/default/files/resources/Artigo\\_Prof.\\_Bruno\\_Texto\\_2\\_Minicurso\\_revisado.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/resources/Artigo_Prof._Bruno_Texto_2_Minicurso_revisado.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2016

RANCIÉRE, Jacques. **O mestre ignorante** : Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2012

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica Ensino Médio Politécnico**. SEDUC.RS.2011.

\_\_\_\_\_. Conselho Estadual de Educação. **Regimento Escolar do Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar-RS**, SEDUCRS, 2012a.

\_\_\_\_\_. **Plano de Estudos Ensino Médio Politécnico Colégio Estadual Santa Vitória do Palmar**. SEDUCRS, 2012b.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed . – São Paulo: Cortez, 2007.

TIBURI, Márcia. **Metamorfoses do conceito** – ética e dialética negativa em Theodor Adorno. Porto alegre: Edipucrs, 2005.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** Imagens e autoimagens da docência diante do Ensino Médio Politécnico.

**Pesquisador responsável:** Lúcio Jorge Hammes, Joice Mirapalmete Fabra

**Instituição:** Universidade Federal do Pampa – Unipampa

**Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar):** (53) 99682917

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, na pesquisa: Imagens e autoimagens da docência diante do Ensino Médio Politécnico, que tem como objetivo contribuir para reflexão do processo de formação dos professores e das configurações das imagens e autoimagens da docência e, assim, para pensar na gestão das práticas escolares. Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de pensar acerca da gestão das práticas docentes, após a resolução que organiza o currículo por áreas do conhecimento e a implementação do Ensino Médio Politécnico.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir que faça parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

O método da intervenção será através de encontros subsidiados por aportes teóricos, filmes e fotografias. As rodas de conversa e produção de sistematizações dar-se-ão durante todo processo de intervenção, importantes para a prática reflexiva. Os encontros serão mediados pela pesquisadora, gravados e fotografados.

Para participar deste estudo Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora.

Seu nome será mantido em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados à comunidade escolar e acadêmica e/ou em publicações científicas.

---

Participante da Pesquisa

---

Lucio Jorge Hammes

---

Joice Mirapalhete Fabra

Se você tiver alguma consideração sobre a ética da pesquisa, entre e contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, KM 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefone: (55)34134321 – Ramal 2289 ou ligações a cobrar para (55) 84541112. E-mail: cep@unipampa.edu.















